

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA

VIOLÊNCIA URBANA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MÚSICA: O CASO DO
PROJETO UERÊ COMO UMA “INFLUÊNCIA POSITIVA”

VIVIANE PEREIRA BARCELLOS

Rio de Janeiro, 2011

VIOLÊNCIA URBANA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MÚSICA: O CASO DO
PROJETO UERÊ COMO UMA “INFLUÊNCIA POSITIVA”

Por

VIVIANE PEREIRA BARCELLOS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Villa-
Lobos do Centro de Letras e Artes
da UNIRIO, como requisito parcial
para obtenção do grau de
Licenciado em Música, sob
orientação da Professora Dra.
Luciana Requião.

Rio de Janeiro, 2011

AGRADECIMENTOS

A Fernando Corona, aos meus pais Léo Machado Barcellos e Maria Elvira Pereira Barcellos, às minhas irmãs Yda, Simone e Luciane, e a todos os demais familiares, à Luciana Requião, a todos do Projeto Uerê, em especial Yvonne Bezerra de Mello e Cristina Deane, à Cristiane Pinto Norris, Mônica Duarte, Luciana Oliveira, Antônio Ricardo Ribeiro Cidade, a todos os professores da UNIRIO, aos meus colegas de faculdade e de trabalho, e aos meus amigos.

BARCELLOS, Viviane Pereira. *Violência Urbana e Formação de Professores de Música: o caso do Projeto Uerê como uma “influência positiva”*. 2011. Monografia (Curso de Licenciatura Plena em Educação Artística / Habilitação em Música). Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

A monografia busca, através da descrição e análise da Pedagogia Uerê-Mello, utilizada no Projeto Uerê, salientar alguns princípios e práticas pedagógicas que podem contribuir para o trabalho diário dos professores de música das escolas da rede pública do Rio de Janeiro. O público alvo da pedagogia é o de crianças que apresentam dificuldades para o aprendizado por consequência de traumas emocionais, resultantes de uma grande exposição a situações de violência. Através de uma metodologia organizada em 12 momentos diários em sala de aula, com ênfase no uso da oralidade e na plasticidade cerebral, esta pedagogia consegue intervir positivamente e atingir resultados significativos no rendimento escolar dos alunos. A pesquisa também busca traçar paralelos já naturalmente existentes entre a prática musical e o uso de algumas técnicas apresentadas pela Pedagogia Uerê-Mello, através da análise das aulas de música dentro do Projeto Uerê, e pela aproximação entre a plasticidade cerebral, foco principal da Pedagogia, e a Psicomotricidade, um dos focos da educação musical. Dentro de um cenário já bastante complexo como é o espaço escolar, com a presença de outros complicadores como as más condições de trabalho e a violência banalizada, é importante a constante reflexão sobre todo o processo pedagógico, com vistas à lapidação do olhar do professor sobre o processo e sobre como ele enxerga o educando.

Palavras-chave: Projeto Uerê – educação musical – violência

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – O PROJETO UERÊ	5
1.1 O Histórico do projeto	
1.2 A Pedagogia Uerê-Mello	
1.3 Princípios pedagógicos da Pedagogia Uerê-Mello	
CAPÍTULO II – COMO FUNCIONA A PEDAGOGIA UERÊ-MELLO?	15
2.1 Diagnóstico	
2.2 As causas e as reações mais comuns dos traumas emocionais	
2.3 Capacitação dos professores	
CAPÍTULO III – OS DOZE MOMENTOS DE APRENDIZADO	23
3.1 Exemplos de resultados obtidos com o uso da Pedagogia	
CAPÍTULO IV – AS AULAS DE MÚSICA DENTRO DO PROJETO UERÊ	29
CAPÍTULO V – PLASTICIDADE CEREBRAL E PSICOMOTRICIDADE	36
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS	45

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1: questionário respondido pela professora Cristina Deane, do Projeto Uerê	47
Anexo 2: questionário respondido pela coordenadora Cristiane Pinto Norris, da Escola Municipal Atenas	50

INTRODUÇÃO

Foi decretado pelo governo federal, com a aprovação da Lei 11.769, que a partir de 2011 a educação musical será obrigatória na rede pública de ensino em todo o país, para crianças do ensino básico.¹ Outro projeto do governo, o “Toda Criança na Escola”, aumentou o número de estudantes nas escolas, além da diversidade de seus perfis.² Com isso, o cenário formado dentro das salas de aula das escolas públicas acabou por tornar-se ainda mais desafiador para todos que atuam dentro dele.

A situação dos professores de escolas públicas em nosso país é sabidamente complicada. Além dos baixos salários e da precariedade estrutural das escolas, o número de crianças em sala de aula é, em geral, muito elevado, causando uma série de problemas.

Nestas circunstâncias, a situação do professor de música parece ser ainda mais delicada, já que ele raramente dispõe de condições mínimas para o fazer musical, seja uma sala adequada e preparada acusticamente para não atrapalhar os demais professores e alunos, sejam instrumentos musicais disponíveis e em número suficiente para usufruto de todos, entre outros.

Agravando a situação, há um aspecto importante que não pode ser omitido: a violência. São recorrentes as notícias sobre casos de agressão física de alunos contra professores, diretores e principalmente contra outros alunos, em decorrência dos mais variados fatores, dentre eles o próprio exemplo de violência vivido em casa. Famílias desestruturadas em consequência da desfavorável situação econômica, com indivíduos que apresentam problemas ligados aos mais diversos tipos de vícios e da presença do crime organizado em comunidades mais pobres, constroem um ambiente marcado por um total desrespeito e agressividade às crianças, as quais vão, possivelmente, frequentar uma escola da rede pública. Na verdade, o que se vê é a geral banalização da violência que é refletida, sob várias formas, de má conduta tanto na rede pública, quanto na rede privada de escolas.

Se já não bastassem os efeitos desastrosos que a violência causa circunstancialmente, ela ainda pode causar traumas emocionais que podem “interromper o crescimento e o desenvolvimento físico e mental” (MELLO, 2010, p.28) dessas

¹ Em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-1010/2008/Lei/L11769.htm. Acesso em: 05 de novembro 2010.

² Em: www.abrasil.gov.br. Acesso em: 05 de novembro de 2010.

crianças, o que pode repercutir para o resto de suas vidas a começar por seu fracasso escolar e, mais adiante, o fracasso na sua inserção social.

Paralelamente, a formação de professores parece deixar a desejar no que se refere à sua preparação para enfrentar este tipo de cenário. Segundo pesquisas mencionadas por Maura Penna em seu livro “Música(s) e seu Ensino” (PENNA, 2008), os inúmeros desafios apresentados nos contextos das escolas públicas “se opõem ao modelo tradicional de ensino de música, de caráter técnico-profissionalizante, que ainda marca a formação da maioria dos professores de música” (idem, p.149). Apesar de haver aumento do comprometimento da educação musical com a educação básica, através dos estudos acerca da prática pedagógica nas escolas, Penna alerta para o fato de que o modelo tradicional de ensino da música também marca as próprias licenciaturas em música. Isto porque é forte a presença de um grande número de músicos instrumentistas, regentes e compositores, sem experiência pedagógica mais ampla nos corpos docentes das mesmas. Este fato, somado à histórica fraca presença da educação musical nas escolas e a preferência por parte dos professores em trabalhar com pequenos grupos, confirma a real dificuldade que as licenciaturas têm em preparar o professor para atuar na educação básica. O que termina acontecendo é que muitos professores acabam migrando para outros cursos, ou atuando em outras áreas do mercado como professores particulares de instrumentos musicais, professores de escolas privadas, ou ainda trabalhando em organizações não governamentais. Sem falar nos muitos que, depois de uma breve experiência em escola pública, decidem abandonar esta carreira, dizendo ser inviável.

Meu interesse nesta perspectiva surgiu durante o estágio do curso de Licenciatura em Música, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, a UNIRIO, no qual estou me graduando. Pude experimentar várias das dificuldades presentes nessas instituições públicas além de um sentimento de despreparo para lidar com crianças agitadas, apresentando dificuldade de aprendizado, baixo nível de concentração, muitas vezes agressivas e de diferentes idades numa mesma sala. Tudo isso começou a se transformar numa sensação de ansiedade toda a vez que eu me imaginava já atuando como professora da rede pública e a gerar muitos questionamentos, como o mais urgente para mim: eu, ao sair da faculdade, estarei pronta para ministrar aulas de educação musical na rede pública de ensino?

Infelizmente, pude observar que este questionamento também povoava a mente de vários colegas na faculdade, a ponto de testemunhar alguns deles mudando de curso e outros traçando planos alternativos para suas futuras atuações profissionais.

Foi então que conheci o Projeto Uerê, através de uma amiga que lá trabalha dando aulas de música. Conforme ela ia falando sobre o Projeto, fui tendo a sensação de estar encontrando algo que poderia me ajudar em relação à minha já mencionada dúvida.

O Projeto Uerê é uma organização não governamental (ONG),³ que consiste de uma escola modelo localizada dentro do Complexo da Maré, na cidade do Rio de Janeiro, e que tem como público-alvo crianças em risco social, que apresentam traumas emocionais e problemas na aprendizagem. A principal responsável e fundadora do Projeto Uerê é a Doutora em Filologia e Linguística, e Mestre em Políticas Públicas, Yvonne Bezerra de Mello, que também é responsável pela concepção e elaboração da Pedagogia Uerê-Mello, uma pedagogia específica usada dentro do Projeto.

No sentido de buscar mais ferramentas pedagógicas capazes de auxiliar os professores em suas atividades diárias em sala de aula e de buscar melhor entender o perfil de uma grande parcela dos estudantes da rede pública do município do Rio de Janeiro, é que esta pesquisa usou como objeto principal de estudo o Projeto Uerê e a Pedagogia Uerê-Mello.

Assim, procurou-se analisar o trabalho desenvolvido dentro do Projeto Uerê, visando identificar princípios e ferramentas pedagógicas capazes de serem adotadas pelos futuros professores de música para que eles possam influenciar positivamente, como o próprio Projeto propõe, as fases de transformações da infância e da adolescência

³ ONG é uma Organização Não Governamental pertencente ao Terceiro Setor. A denominação Terceiro Setor refere-se à Sociedade Civil Organizada e o termo faz contraponto com o Estado, considerado o Primeiro Setor, e com o Mercado, considerado o Segundo Setor (Ver em: <http://www.rits.org.br>. Acesso em 01 de julho de 2011). “O Terceiro Setor tem se apresentado como a dimensão da sociedade em que se proliferam os movimentos sociais organizados, ONGs e projetos sociais, onde se observa uma significativa oferta de práticas musicais ligadas ao trabalho com jovens adolescentes em situação de exclusão ou risco social. No Brasil, o Terceiro Setor é um fenômeno emergente nas três últimas décadas e vem se configurando mediante movimentos sociais de diversas naturezas que canalizam recursos, promovem experiências e elaboram conhecimentos (...). Esse segmento é caracterizado como um conjunto de iniciativas privadas com fins públicos e sociais não lucrativos, que buscam formas de enfrentamento das questões sociais vividas por uma grande parcela da sociedade privada, tanto de bens materiais como simbólicos. O termo organização não governamental ou ONG cobre uma variedade de organizações muito diferentes, que emergem dos movimentos sociais e cuja atuação transita pelas mais diversas áreas: assistência social, educação, cultura, meio ambiente, comunicação, ciência e tecnologia, geração de renda e trabalho. O investimento na dignidade humana e o exercício da cidadania plena são objetivos primordiais expressos nas justificativas desses movimentos sociais (KLEBER, Magali. Projetos sociais e educação musical. In: Aprender e Ensinar Música no Cotidiano. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009, p. 215).

dos alunos das escolas públicas, e atenuar os efeitos de algumas das já citadas variáveis que complicam o dia-a-dia da vida escolar.

Para isso, além da pesquisa bibliográfica e do questionário respondido pela professora de música do Projeto Uerê e pela coordenadora da Escola Municipal Atenas, que já faz uso da Pedagogia Uerê-Mello, fiz observações através de pesquisa de campo dentro da própria escola modelo Projeto Uerê, entre agosto de 2010 e junho de 2011.

Desta forma, apresento no primeiro capítulo a descrição do Projeto Uerê, da Pedagogia Uerê-Mello e seus princípios pedagógicos. No segundo capítulo, descrevo e analiso como se dá a aplicação da pedagogia, englobando sua organização, seus principais procedimentos e estratégias, as principais causas e reações dos traumas emocionais, e a capacitação dos professores. Em seguida, mostro o passo a passo em sala de aula e os principais resultados obtidos com a aplicação da pedagogia. No capítulo 4, discorro sobre as aulas de música especificamente dentro do Projeto Uerê, já apresentando algumas contribuições da pedagogia nesta atividade, paralelamente às impressões da própria professora de música e à referência da aplicação da pedagogia em outro espaço, fora do Projeto Uerê. O capítulo 5 foi reservado para um aprofundamento no principal foco da Pedagogia Uerê-Mello, a plasticidade cerebral, e sua estreita relação com a psicomotricidade.

Como resultado da presente pesquisa, foi possível constatar aspectos positivos advindos do uso de várias das ferramentas pedagógicas da Pedagogia em questão, tanto em atividades de sala de aula regular como nas atividades relativas à educação musical. Mas também foi possível concluir que as atividades musicais em si já trazem uma contribuição muito significativa, considerando-se o principal foco da pedagogia, pois de acordo com a pesquisa, a música atua intensamente sobre a plasticidade cerebral, o que acaba influenciando o desenvolvimento cognitivo, que vai ajudar em todo e qualquer aprendizado.

Porém, a pesquisa contribui também com o alerta sobre a relevância da apropriação, por parte dos professores de música, de vários assuntos aqui abordados, com vistas a lapidar a qualidade de seu olhar sobre todo o processo educativo e principalmente sobre o modo como ele enxerga o educando.

CAPÍTULO 1: O PROJETO UERÊ

*“Educar significa ajudar a acordar,
ajudar a encontrar no próprio ser o ímpeto,
a saudade, a vontade de agir, buscar e
descobrir, de crescer e de progredir”
Cláudio J. P. Saltini*

O Projeto Uerê é um projeto de educação alternativa⁴ localizado dentro do Complexo da Favela da Maré, no Rio de Janeiro, e que assiste 35% das crianças desta comunidade. Ele é, na verdade, uma Organização Não-Governamental, constituída de uma escola modelo que usa uma pedagogia específica voltada para a educação de crianças e adolescentes em risco social e com problemas na aprendizagem, devido a traumas associados à violência constante.⁵ O projeto visa educar emocionalmente e socialmente, preparando estas crianças para melhor enfrentarem os desafios do presente e do futuro. Esta pedagogia é conhecida como Uerê-Mello, e ela se propõe a:

- aumentar a capacidade de armazenamento de informações;
- trabalhar a inteligência emocional;
- trabalhar a lógica;
- estimular a confiança e a autoestima;
- superar as dificuldades escolares devido a bloqueios na cognição;
- estimular o aprendizado num sistema de ensino bem elaborado dividido em 12 momentos diários em sala de aula;
- trabalhar a velocidade cerebral;
- preparar os jovens para competir num mercado de trabalho cada vez mais difícil.⁶

A escola modelo Projeto Uerê funciona como uma escola paralela para crianças que frequentam escolas formais da rede pública, ou que têm bolsa em alguma escola particular, mas também como único acesso ao aprendizado de conteúdos escolares para aqueles que não conseguem frequentar a escola, por alguma razão. Tanto o projeto

⁴ Termo aqui usado não com um sentido de algo à margem, ou em fase de experimentação, ou mesmo como uma única opção ou alternativa. O sentido mais correto é o que denota um “tipo de educação que não existe em separado do dinamismo da sociedade, por isso mesmo tende a dar relevo ao acontecimento educativo caracterizando-o como espaço de socialização, valorização e aperfeiçoamento do que a sociedade sente, produz e descobre. (BEZERRA, Aida. A Educação Alternativa Hoje. Em: www.forumeja.org.br. Acesso em: 15 de abril de 2011.).

⁵ Para uma discussão mais aprofundada sobre as ONGs e o Terceiro Setor ver Carlos Montaña (2005).

⁶ Em: www.projetuere.org.br. Acesso em: 03 de dezembro de 2010.

como a pedagogia nasceram das experiências e estudos feitos por Yvonne Bezerra de Mello, sua fundadora.

1.1 Histórico do projeto

A escola modelo Projeto Uerê foi fundada em 1998, mas a sua elaboração vem de muito tempo atrás e se mistura com a própria história de vida de Yvonne Bezerra de Mello. Seguindo exemplo de sua mãe, Yvonne, desde muito jovem, começou a exercer trabalho voluntário. O primeiro deles aconteceu em 1960 no Instituto Benjamim Constant, no Rio de Janeiro, trabalhando com cegos. Em 1965 fez parte do Projeto Rondon, através do qual conheceu o interior do Ceará onde se deparou pela primeira vez com crianças que apresentavam graves problemas de aprendizagem. Tendo posteriormente cursado a faculdade de Filologia, Linguística e Interpretação Simultânea na Sorbonne (Université Paris-Sorbonne), em Paris, acabou dando continuidade a seus trabalhos voluntários lá mesmo, assistindo filhos de imigrantes de várias nacionalidades. Dali, Yvonne partiu para a África onde foi trabalhar com crianças em Angola, logo após sua independência em 1978, e na Etiópia.

Ao voltar da Europa em 1980, Yvonne começou um trabalho voluntário de assistência a meninos de rua na cidade do Rio de Janeiro, o qual se estendeu até 1993, e que se dividia em três grupos. Dois localizavam-se em Copacabana e um no centro da cidade. Algumas das crianças pertencentes a este último grupo protagonizaram um dos acontecimentos mais trágicos envolvendo a população de rua: a Chacina da Candelária. Neste cruel evento, policiais militares assassinaram oito crianças de rua dentre várias que faziam dos arredores da Igreja da Candelária seu local para dormir e se abrigar durante a noite.

Este comovente acontecimento atingiu Yvonne profundamente e a fez abrir uma primeira sala de aula para seu projeto social, debaixo de um viaduto próximo à antiga estação Leopoldina e à Praça da Bandeira, onde estava instalada uma favela conhecida como Coqueirinho com aproximadamente 1.200 habitantes. Além dos sobreviventes da Chacina, este pequeno espaço começou a atrair mais crianças de rua e de outras favelas próximas, chegando a ter 150 crianças assistidas. Yvonne permaneceu neste local por quatro anos, fornecendo, com recurso próprio, alimentação e escolaridade para uma média de 80 crianças por dia. Tudo era muito precário, mas esta primeira iniciativa possibilitou à Yvonne testar a pedagogia que ela começara a desenvolver ainda em terras africanas, a qual é, por isso, considerada o embrião do Projeto Uerê.

Em 1997, com a transferência da favela do Coqueirinho e outras comunidades da rua para o Complexo da Maré, Yvonne decidiu também mudar seu projeto para lá e acompanhar o assentamento daquela população, instalada em abrigos da prefeitura. Mas em 1998, com dinheiro doado por um americano, Yvonne conseguiu comprar duas casas para dar início à construção da atual escola modelo. Assim, o Projeto Uerê confirmou-se como Organização Não-Governamental. Desde então, vem se destacando até mesmo internacionalmente como uma entidade que age em favor da proteção integral a crianças, com foco na prevenção da marginalização escolar e exclusão social, de mais tantas outras discriminações, e de outros episódios de violência e abusos com sintomas pós-traumáticos.

O número de crianças e adolescentes assistidas no Projeto Uerê aumentou bastante durante esses anos, chegando a 470 em 2010. Em 2009 a pedagogia Uerê-Mello passou a fazer parte do Programa de Reforço Escolar⁷ e do Programa Escolas do Amanhã, do município do Rio de Janeiro, dentro do “Modelo Conceitual Reforço Escolar”, para atender alunos que estudam em zonas conflagradas da cidade. Para tal, os professores envolvidos têm de passar por uma espécie de capacitação para uso correto da pedagogia ministrado pela própria Yvonne Bezerra de Mello, o que está em desenvolvimento. A Escola Municipal 09.18.004 Atenas, da 9º CRE (Coordenadoria Regional de Educação) é uma das escolas que já faz uso da pedagogia Uerê-Mello desde a segunda metade do ano de 2010, e que, segundo a coordenadora da escola, já vê mudanças positivas na escola.⁸

1.2 A Pedagogia Uerê-Mello

A pedagogia Uerê-Mello tem como objetivo principal “influenciar de maneira positiva as fases de transformações da infância e da adolescência de uma população exposta a conflitos constantes” (MELLO, 2010, p.28) com vistas a fortalecer a capacidade dessas pessoas para o aprendizado. Segundo a proposta, as condições desfavoráveis como situações de riscos e traumas presentes nestes lugares acabam por distorcer importantes etapas do desenvolvimento de seus habitantes, impedindo-os de desenvolver suas potencialidades vitais. Para tal, ela foi construída e fundamentada

⁷ “Este programa é composto de vários projetos com o objetivo de propiciar o salto na qualidade de ensino da educação carioca: todo aluno aprendendo cada vez mais e melhor e na idade adequada ao ano em que estuda- todas essas informações, inclusive dos outros dois conceitos ‘escolas do amanhã’ e modelo conceitual.”. Em: <http://pt.scribd.com/rioeducan>. Acesso em: 05 de maio de 2011.

⁸ Através de questionário conforme o anexo 02.

principalmente na relação que existe entre emoção, mente e memória, e acaba atingindo resultados positivos em várias áreas cognitivas, como a da linguagem falada e escrita, da rapidez do raciocínio e lógica do pensamento, da leitura, da concentração e atenção, das associações, do raciocínio analítico e matemático, e do comportamento.

A experiência de Yvonne Bezerra de Mello com trabalhos voluntários na França, Angola, Etiópia, e também em alguns Estados do Brasil, levou-a a perceber que as crianças nas ruas e favelas dos mais diferentes lugares que estivessem expostas a realidades violentas como em zonas de conflito, ou mesmo em guerra, ou que fossem vítimas de abusos ou negligência, seja no âmbito familiar ou de sua comunidade, acabavam por apresentar problemas semelhantes na área da cognição. Com o aumento da violência urbana em países já desenvolvidos, este tipo de problema também acaba por atingir as crianças que aí vivem, contribuindo para o aumento do índice de problemas de aprendizado nas escolas dessas Nações.

Conseqüentemente, estes fatos aumentam a preocupação das pessoas conscientes do impacto que tudo isso significa na sociedade, na saúde pública e, principalmente, no seu custo social.⁹ Sendo Yvonne parte deste grupo de pessoas, tal constatação fez com que ela pesquisasse mais a fundo o cérebro e suas funções, no intuito de encontrar ferramentas pedagógicas capazes de driblar estes problemas. Dentre os estudos que fez, Yvonne cita Yorks e Kasl¹⁰ como o mais relevante na elaboração de sua pedagogia já que para esses autores a educação deve ocorrer de maneira afetiva, imaginativa, conceitual e prática, e Ryuta Kawashima, neurofisiologista, que mapeou as regiões do cérebro quanto às suas diferentes funções, e cujas descobertas contribuíram para a elaboração dos exercícios para plasticidade cerebral.

1.3 Princípios pedagógicos da Pedagogia Uerê-Mello

Neste ímpeto da pesquisa, Yvonne acabou por chegar à neuropedagogia, área do conhecimento que tem como objetos de estudo a Educação e o cérebro. Seu princípio básico é entender como o cérebro humano aprende e como guarda este aprendizado, para assim levar à escola este conhecimento aliado a métodos e metodologias no sentido

⁹ Custo social significa os custos resultantes do reparo aos danos causados à natureza ou à sociedade; no caso, os custos concernentes à saúde e à educação, principalmente (MELLO, 2010, p.29).

¹⁰ Lyle Yorks é professor associado no Teachers College, Columbia University, New York, e Elizabeth Kasl é professora no California Institute of Integral Studies, San Francisco. A mais recente publicação dos dois é *Toward a Theory and Practice for Whole-Person Learning: Reconceptualizing Experience and the Role of Affect*, 2002

de interferir de forma significativa para o verdadeiro aprender.¹¹ O cérebro é o principal órgão do sistema nervoso e o centro de controle de todo o corpo, tanto das ações voluntárias quanto das involuntárias. Sozinho, ele consome 25% de toda a energia disponível no organismo. Ele apresenta “mais de 40 áreas funcionalmente distintas (...) cada uma delas controla uma atividade específica”.¹²

Como exemplos das diferentes funções são destacadas as motoras, as sensoriais, auditivas, óticas, olfativas, do tato e da compreensão e da associação.¹³ Traumas e bloqueios surgem a partir de situações de risco que ameaçam a integridade física e emocional de uma pessoa, afetando as conexões neuronais, e acabando por interferir negativamente no “desenvolvimento da aquisição das habilidades necessárias para o aprendizado e para o desempenho dos papéis sociais” (MELLO, 2010, p. 22). Para Yvonne, existe uma diferença entre crianças com um problema neurológico e crianças com traumas e bloqueios de fundo emocional. Como ela mesma diz, “crianças com traumas e bloqueios não são doentes. Sua inteligência permanece intacta e as conseqüências do trauma, estas sim, podem ser tratadas com amor, carinho e pedagogia específica.” (MELLO, 2010, p. 16).

Esta afirmação de Yvonne fundamenta-se no que é chamado de plasticidade cerebral: a capacidade que o cérebro tem de, através de seus neurônios, formar novas conexões a cada momento, a partir dos mais variados estímulos. Com isso, a rede de neurônios se recompõe e se reorganiza. Sobre isso, o médico Drauzio Varella afirma que “além disso, anos atrás, descobriu-se outra capacidade cerebral de grande valia: a *neurogenese*. Esta consiste na “capacidade que o sistema nervoso central tem de formar novos neurônios”.¹⁴ Dessa forma, é possível a recuperação gradativa das funções cognitivas, como da memória, da linguagem e do raciocínio lógico-matemático.

Yvonne aprendeu que para que o aprendizado se dê de forma plena todas as áreas cerebrais precisam estar em equilíbrio e, como ela mesma afirma, “tendo as emoções uma dimensão cognitiva, elas também são necessárias para o pensamento

¹¹ “Os quatro pilares definidores de estratégias para promover a verdadeira educação de qualidade visando sempre o desenvolvimento humano são: aprender a ser; aprender a conviver; aprender a fazer; e aprender a conhecer”. (ALVES, Eliane. Em: <http://educaneuro.blogspot.com/2010/04/o-que-e-neuropedagogia-e-qyal-se.html>. Acesso em: 31 de janeiro de 2011.

¹² Em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/corpo-humano-sistema-nervoso/cerebro.php>. Acesso em: 31 de janeiro de 2011.

¹³ Idem.

¹⁴ VARELLA, Drauzio. Em: www.drauziovarella.com.br/ExibirConteudo/559/platicidadecerebral. Acesso em 20 de março de 2011.

racional” (MELLO, 2010, p. 17). Ao estudar autores como Antônio Damásio¹⁵ e Joseph E. Ledoux,¹⁶ Yvonne descobriu que as emoções estão relacionadas com o corpo e os sentimentos com a mente. Segundo seus estudos, há diferença entre emoção e sentimento, apesar dos dois termos serem frequentemente confundidos por sua grande aproximação: ambos afloram no subconsciente. A emoção estaria ligada a algo mais primitivo e instintivo no homem. É um estado afetivo intenso e complexo que surge de uma reação, ao mesmo tempo mental e orgânica, sob a influência de excitações externas ou internas. Já o sentimento está revestido de um número maior de elementos intelectuais e racionais. Nele existe uma elaboração, um entendimento racional. Para exemplificar, são citados pelos autores estudados por Yvonne alguns pares, como a alegria (sentimento) e a euforia (emoção), a tristeza (sentimento) e a depressão (emoção), o medo e o pânico, a raiva e o ódio, e assim por diante.

No primeiro exemplo, a alegria é espontânea, pois não depende necessariamente de um motivo, além de ser calma e contagiante. Já a euforia é um rompante que atropela, uma reação mais instintiva, chegando a ser inadequada. Da emoção, nasce o sentimento, o qual vai gerar o pensamento, ou qualquer ação criativa, e sua materialização. Como Yvonne nos esclarece, “a emoção causa a mobilização e a sincronização das atividades do cérebro, além de ter uma enorme importância no funcionamento diário de nossas vidas e no aprendizado” (MELLO, 2010, p.43). Entender este funcionamento é fundamental para que possamos melhor entender quem nós somos e, no caso do professor, entender melhor quem são seus alunos.

Em comunidades mais pobres e mais expostas a todo tipo de violência e hostilidade, há maior incidência de emoções negativas, derivadas dos abusos psicológicos sofridos por sua população. Isso vai gerando um estresse traumático, que é um acúmulo desses estados emocionais negativos, que acabam “desacelerando o processamento de fatos e de imagens, limitando sua diversidade e assim retardando a eficiência do raciocínio” (MELLO, 2010, p.44). Quando uma criança ou jovem tem um trauma emocional ela vai apresentar uma disfunção dos circuitos, ou seja, dessas ligações entre os neurônios, o que acaba afetando sua capacidade cognitiva e emocional. Como estes traumas e bloqueios são formados na fase em que essas crianças e

¹⁵ Antônio Damásio é médico neurologista e neurocientista português, radicado nos EUA, autor de *Body and Emotion in the Making of Consciousness*.

¹⁶ Joseph E. Ledoux é pesquisador e professor americano do Center for Neural Science da New York University, autor de “The Emotional Brain”.

adolescentes estão mais vulneráveis, eles podem ter consequências catastróficas também nas suas fases de crescimento e em seus mecanismos de adaptação e sobrevivência. Com relação à capacidade de aprender, para Yvonne “sem uma pedagogia correta para estimular a associação neuronal não haverá aprendizado” (MELLO, 2010, p.24), pois não haverá a correção das limitações derivadas destes bloqueios.

Além da plasticidade cerebral e da relação entre emoção e cérebro, a pedagogia Uerê-Mello também está voltada para a velocidade de absorção das informações pelos alunos. Yvonne entende que cada criança possui um ritmo próprio para o aprendizado devido à sua própria bagagem de experiências anteriores e à sua exclusiva disposição e potencial para tal. Como ela mesma argumenta, “temos que entender o funcionamento do cérebro, para compreender as variações do aprendizado e não etiquetar crianças sãs como doentes, só porque não conseguem seguir um ritmo que lhes foi imposto” (MELLO, 2010, p. 36). Seu pensamento é corroborado por Cláudio Saltini, psicólogo e psicanalista, e membro fundador do Centro de Estudos do Crescimento e Desenvolvimento do Ser Humano, da Faculdade de Saúde da USP, que atesta que “para educar o ser humano, é fundamental conhecê-lo profundamente, bem como respeitar seu desenvolvimento. É necessário ter a percepção correta de como este ser se desenvolve” (SALTINI, 2008, p. 93). Assim, através de exercícios orais que demandam rapidez cerebral a pedagogia pretende gradativamente harmonizar as turmas de alunos, aproximando as diversas velocidades de raciocínio ali presentes. A informação é apresentada de forma dinâmica, porque crianças que têm problemas no seu cotidiano estão sob constante pressão e têm dificuldade de se concentrar. É importante criar um ambiente favorável e estimulante, para que as crianças não se cansem facilmente.

A memória, uma habilidade cognitiva muito importante para que o aprendizado aconteça, e que está intimamente ligada à emoção, também é ressaltada nesta pedagogia. A memória de curto prazo precisa “adquirir flexibilidade para lidar com a informação” (MELLO, 2010, p.48). Nas aulas se trabalha principalmente a memória imediata, através de exercícios orais, para se chegar à memória média e longa. Os exercícios são para a “automatização da informação, onde a memória é trabalhada na repetição explicativa até adquirir uma consciência do que foi e está sendo ensinado. Sem isso, não há retenção”. (idem)

Em sua pesquisa Yvonne descobriu que o método fônico é o mais indicado e o mais eficaz para se trabalhar com crianças que apresentam traumas, principalmente na alfabetização. O método fônico ativa corretamente as áreas do cérebro responsáveis pela

escrita, pela leitura, pelo cálculo e pela coordenação motora. Nesse sentido, acelera a superação de problemas no aprendizado, pois melhora as habilidades cognitivas como um todo, o que contribui para o aumento da capacidade de se usar vários tipos de material escrito.¹⁷ Dentro desta concepção é importante ressaltar o crucial papel do desenvolvimento linguístico das pessoas, pois já se sabe que quem usa mal ou sabe poucas palavras tem um pensamento encolhido. Já foi dito que o “homem não fala porque pensa, mas, sim, o contrário: ele pensa porque fala”.¹⁸ Uma boa forma de entender como isso acontece, é seguir o raciocínio desta comparação feita pelo professor Pierluigi Piazzzi, mais conhecido como professor Pier, em seu livro “Ensinando Inteligência” (2010).

Se pensarmos em nosso cérebro como um sofisticadíssimo e poderosíssimo computador, podemos pensar que, como em um computador eletrônico, as tarefas só serão executadas se estiverem sendo rodados um ou mais programas. Quando eu quero escrever um programa para que ele seja executado em meu computador, devo utilizar determinada linguagem de programação. Nesse contexto, o termo “linguagem” é usado metaforicamente, já que eu não estou conversando com o computador, mas estou apenas me limitando a escrever uma sequência de ordens. No caso de nosso cérebro, porém, o termo “linguagem” está em seu significado pleno: o idioma que falamos e a forma como ele foi adquirido é que programam nossa mente ao executar a tarefa de pensar (PIAZZI, 2010, p. 96).

Igualmente importante é que o professor tenha uma atitude motivadora frente aos seus alunos, pois esta irá contribuir para a qualidade da carga emocional das experiências de aprendizagem, o que irá auxiliar na maior apreensão do que está sendo ensinado.

Outro aspecto que recebe um destaque especial nesta pedagogia é a afeição. Yvonne conta que num estado traumático as crianças podem apresentar dificuldade em expressar sentimentos com palavras, um problema conhecido como alexithymia. Isso é um sinal grave de que a criança está acumulando vários problemas. Conforme Yvonne constatou, “o trauma constante destrói o senso da segurança pessoal e a confiança no relacionamento com outras pessoas adultas ou familiares” (MELLO, 2010, p.24). Essas rupturas prejudicam os mecanismos de sobrevivência e adaptação das crianças. Assim, elas podem apresentar comportamentos reativos de defesa, altamente agressivos e descontrolados, pois têm dificuldade em controlar seus impulsos e emoções. Podendo

¹⁷ Outras pesquisas já constataram que a mesma região do cérebro é estimulada ao se ler, ouvir ou pronunciar um verbo. Em: <http://royalsociety.org/royalsociety.tv>. Acesso em 10 de abril de 2011.

¹⁸ Fala de um professor de psicolinguística, citado no livro “Ensinando Inteligência” (PIAZZI, 2010, p. 96) de Pierluigi Piazzzi, professor de curso pré-vestibular há mais de 50 anos, formado em Química Industrial e Física, com pós graduação em Semiologia da Imagem, Semiologia do Cinema e Psicolinguística.

chegar a situações até mesmo criminosas, essas crianças se fazem ouvir cada vez menos, o que ajuda a fechar um círculo vicioso de pouquíssima ou nenhuma comunicação, e, conseqüentemente, de pouca ou nenhuma construção de laços afetivos e de expectativas para o futuro. Por isso, a todo o momento é dada a chance das crianças se expressarem, contando sobre seus afazeres, suas rotinas, seus interesses e, principalmente, sobre seus problemas e aflições. Também é aconselhável que o professor tenha uma atitude amorosa, acolhedora, ajudando a criança a se sentir segura, acolhida, compreendida. Saltini defende que

seria ótimo manter um diálogo com a criança, em que se possa perceber o que está acontecendo, usando tanto o silêncio quanto o corpo, abraçando-a quando ela assim o permitir; compartilhar com os demais da classe os sentimentos que estão sendo evidenciados nesse instante é um trabalho quase terapêutico (SALTINI, 2008, p. 102).

E continua, sugerindo ao professor “utilizar as erupções violentas e falar sobre elas. Dar oportunidade para a criança colocar seus sentimentos na escola, não apenas a sua inteligência ou sua capacidade de aprender” (SALTINI, 2008, p. 102).

Para Yvonne, como os traumas emocionais estão na base do problema de aprendizagem, ela considera fundamental que os educadores sejam “treinados para compreender a parte emocional de seus alunos”, e que eles ensinem “a partir de conhecimentos sobre a mente emocional e de como ela se comporta em determinadas situações.” (MELLO, 2010, p. 17). Ela também considera relevante que o professor mantenha viva a sua própria curiosidade e busque permanentemente por aperfeiçoamento e prazer em sua atividade como educador, para que assim todo processo também se torne prazeroso para os alunos contribuindo para a qualidade da educação como um todo.

Neste ponto ela não é a única a pensar desta forma. Paulo Freire, um dos mais importantes pensadores desta área, ao falar da curiosidade, nos aponta interessantes aspectos:

O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser. Um ruído, por exemplo, pode provocar minha curiosidade. Observo o espaço onde parece que se está verificando. Aguço o ouvido. Procuo comparar com outro ruído cuja razão de ser já conheço. Investigo melhor o espaço. Admito hipóteses várias em torno da possível origem do ruído. Elimino algumas até que chego à sua explicação. Satisfeita uma curiosidade, a capacidade de inquietar-me e buscar continua em pé. Não haveria existência humana sem a abertura de nosso ser ao mundo, sem a transitividade de nossa consciência. Quanto mais faço estas operações com maior rigor metódico tanto mais me aproximo da maior exatidão dos achados de minha curiosidade. Um dos saberes fundamentais à

minha prática educativo-crítica é o que me adverte da necessária promoção da curiosidade espontânea para a curiosidade epistemológica (FREIRE, 2009, p.88).

O exemplo de uma atitude curiosa e interessada por parte do professor também vai naturalmente encorajar o desejo da criança pelo ato de descobrir e até inventar.

CAPÍTULO 2: COMO FUNCIONA A PEDAGOGIA UERÊ-MELLO?

*“O mestre nasce da exuberância da felicidade.
E, por isso mesmo, quando perguntados sobre a sua profissão,
os professores deveriam ter coragem
para dar a absurda resposta:
‘Sou um pastor da alegria...’
Mas, é claro, somente os seus alunos
poderão atestar da verdade da sua declaração...”*
Rubem Alves

Como já foi dito, o público alvo desta pedagogia são crianças e jovens que não portam defeitos sensoriais ou intelectuais, mas que apresentam problemas no aprendizado e no comportamento devido aos traumas gerados por estarem expostas a conflitos e situações de risco. Na concepção de Yvonne, “crianças com problemas traumáticos na cognição necessitam de rotina, disciplina e, principalmente, de amor e compreensão para ajudar na estruturação de sua personalidade”. Dentro deste princípio, a pedagogia Uerê-Mello também “encoraja a exploração do pensamento, a rapidez cerebral, o engajamento das emoções, como parte do aprendizado, e usa essas emoções para recuperar e acelerar as funções cognitivas bloqueadas, inclusive a memória e a fala” (MELLO, 2010, p.30).

O número de alunos e professores é sugerido dentro da pedagogia: o número máximo de alunos deve ser de 30, com dois professores por turma para que cada professor fique responsável por, no máximo, quinze estudantes. Yvonne considera improdutivas classes com um número de estudantes, muitas vezes, maior do que este e com somente um professor, o qual, no geral, não tem conhecimento dos assuntos aqui tratados, e que frequentemente se sente desestimulado frente a um cenário tão complexo e problemático como o de uma sala de aula.

Outras intervenções no ambiente da sala de aula são consideradas positivas para a melhor relação entre professor e aluno, como é o caso da ausência da mesa do professor e da abolição da atividade de copiar do quadro. No caso da mesa, constatou-se que ela pode significar um elemento intimidador, além do fato de o professor ficar sentado por muito tempo poder induzir a uma inércia no movimento cerebral do aluno. O ideal é que o professor tenha uma atitude mais dinâmica, movimentando-se em aula. Quanto à cópia de conteúdos, na Pedagogia Uerê-Mello o professor escreve no quadro-negro o máximo de três exercícios. Mas no caderno, os alunos só escrevem as respostas. Assim, acontecem quatro momentos de atividade cerebral que são ler, absorver a

informação, processá-la e responder por escrito. “Isso é aplicado em todas as matérias, salvo em alguns aspectos na matemática, onde contas e expressões têm que ser copiadas” (MELLO, 2010, p.50). No geral, quando um professor fica muito tempo escrevendo no quadro, ou seja, de costas para os alunos, estes ficam naturalmente mais inertes e propensos à distração.

Todo o trabalho pedagógico é feito no coletivo mas também com atenção ao individual, pois esta pedagogia leva em conta a vida e as emoções cotidianas de cada criança além das suas diferentes velocidades de aprendizado, e visa melhorar sua capacidade de compreensão. Os exercícios são os mesmos, dados ao mesmo tempo, mas em diferentes níveis de dificuldade, principalmente nos exercícios orais de compreensão e memorização. Para tanto, é fundamental conhecer cada aluno e sua capacidade. Este processo é importante para que o mesmo perca o medo em sala de aula e possa começar a aprender mais rapidamente. E, com o tempo, a classe fica mais homogênea.

Um exemplo de uma atividade oral trabalhada da forma acima exposta é: em uma classe existem diversos níveis de compreensão da matemática. Num exercício de divisão, por exemplo, ela vai ser feita com um, dois, ou três algarismos, dependendo da capacidade do aluno de executar a tarefa. Isso faz com que aqueles que apresentam dificuldades na divisão tenham tempo de aprender no seu ritmo.

Na escola Projeto Uerê há uma inovação quanto à forma como a matemática, em específico, é ministrada. Enquanto nas escolas em geral, nas classes que vão do primeiro ao quinto ano, o conhecimento é repassado por apenas um professor, que é responsável por dar conta das diversas matérias curriculares iniciais, além da alfabetização, na Uerê adotou-se o sistema de um único professor para a disciplina de matemática, que trabalha todos os dias com todas as turmas. A experiência, que usa um professor do sexo masculino, o que também se constitui numa inovação, já que o universo de professores escolares é majoritariamente feminino, se mostrou bastante positiva, pois, além de contribuir para a melhora no nível da matemática dos estudantes, ajuda a combater o desgaste natural da relação intensa com um único professor. Este procedimento também é fundamentado na importância da matemática como o principal instrumento para iniciar o raciocínio lógico.

As crianças no Projeto Uerê, além de desenvolver as habilidades matemáticas, na linguagem e idiomas, também aprendem, diariamente, noções de empreendedorismo, a comer bem, a tomar conta de seus corpos, com cuidados higiênicos e de saúde, recebem educação sexual; discutem sobre ecologia e meio ambiente, educação e

trabalho, cidadania, a vida fora da favela; aprendem a cuidar da escola, de seus materiais e salas de aula; e estudam a história das religiões e das etnias.

A pedagogia foi desenvolvida embasando-se em alguns critérios de ensino específicos (MELLO, 2010, p.42):

- processo de aprendizado com compreensão de maneira mais interativa;
- tempo curto na apresentação dos conteúdos;
- divisão da classe em grupos para os exercícios orais: os grupos variam no dia a dia; os exercícios orais não só melhoram o armazenamento do conhecimento como também adaptam o conhecimento;
- ensinar qualquer conteúdo de maneira oral dividindo a aula em três momentos: oral, com compreensão do conteúdo; dramatização; e escrito, com exercícios, podendo usar o texto do livro.

As estratégias utilizadas por esta pedagogia para a melhoria do aprendizado são (MELLO, 2010, p.45):

- organização e aceleração da mente;
- monitoramento constante;
- organização do ambiente;
- divisão do estudo em momentos de curta duração;
- revisão dos conteúdos.

Tais estratégias dividem-se em três etapas:

- a) estratégias cognitivas: aqui se insere a elaboração e organização das estratégias supracitadas, ou seja, os planos de aula e exercícios orais em grupos de alunos, com foco principal no aluno e na compreensão das suas potencialidades, e o monitoramento constante de seu desenvolvimento;
- b) estratégias metacognitivas: procedimentos que dão aos alunos a responsabilidade de planejar e monitorar seu tempo e espaço. É ensinado a eles como planejar seu dia escolar, incluindo suas tarefas, assim como suas atividades fora da escola. Assim, eles aprendem a noção de tempo gasto para a execução das tarefas em geral. Eles aprendem a aproveitar melhor o tempo;
- c) rapidez cerebral: aqui, vários são os recursos usados, em maior número o de repetir os exercícios orais em diferentes velocidades, por curtos períodos, aumentando a plasticidade cerebral; o de estabelecer conexões rápidas sobre conteúdos novos ou conhecidos; e estabelecer metas mensais de aumento do nível dos exercícios. Esses exercícios são interativos, e é importante que o mobiliário possa ser reordenado segundo

as necessidades do espaço, aumentando a correlação aluno/espaço/retenção da informação (MELLO, 2010, p.46).

Segundo Yvonne, todas as estratégias mencionadas acima seguem técnicas modernas para o estudo da atividade cerebral de crianças e adolescentes, durante a realização das mais variadas tarefas cognitivas.

2.1 Diagnóstico

Para iniciar o trabalho, o primeiro passo é fazer o diagnóstico da situação de cada criança e adolescente. É importante salientar que este não é um trabalho fácil, e exige bastante tempo, cautela, sensibilidade e até intuição por parte das pessoas envolvidas (ao ser questionada por mim sobre como isso se dava na rede pública, Yvonne contou que este diagnóstico detalhado sobre cada aluno não acontece; é uma parte da pedagogia muito difícil de ser implantada). Os professores têm capacitação constante, com simulações de possíveis problemas, para que eles entendam os traumas e as condições psicossociais de seus alunos. Quando necessário, relatórios médicos são feitos por profissionais em postos de saúde, hospitais, ou clínicas particulares. Há uma monitoração constante dos alunos e, para isso, todos os funcionários da escola conhecem a ficha pedagógica e médica dos mesmos. Todos também recebem questionários de avaliação para serem preenchidos durante o ano. O processo todo é feito em quatro momentos:

1. entrevista com a criança e seu responsável, com análise das circunstâncias familiares, o histórico médico, a situação familiar, a causa potencial do trauma e problemas de aprendizagem; é um processo que pode levar semanas;
2. reconstrução e fortalecimento da parte emocional da criança, assim como início dos exercícios de plasticidade cerebral;
3. pesquisa de outros aspectos, tais como doenças físicas crônicas, anemia, desnutrição, que podem estar influenciando o presente estado da criança;
4. definição de estratégias de ensino.

É feito um diagnóstico familiar e um diagnóstico pedagógico do aluno. No diagnóstico familiar é preciso:

- entender o universo familiar, considerando-se a mudança quanto ao conceito de família e o papel que tanto ela como a escola podem representar na vida de uma criança;
- saber como receber as crianças e seus familiares, ou responsáveis. É importante que eles se sintam acolhidos, através de um sorriso, ou um afago, e com uma primeira entrevista não muito longa. Toda a atenção é necessária para já se tentar perceber alguns aspectos do comportamento de todos ali envolvidos. Deve-se tentar estabelecer uma conexão com a criança pelo olhar. Alguns jogos educativos podem ser utilizados para se observar a ação da criança com objetos. Também é enriquecedor avaliar o material escolar trazido pelos familiares, quando houver;
- pesquisar a situação familiar, considerando-se os diversos tipos de família existentes hoje em dia, como a monoparental, a adotiva, a nuclear, a fragmentada, e outras. Dentro da pedagogia Uerê-Mello, família é quem cuida da criança;
- tentar descobrir as causas potenciais do trauma, que é a parte mais complicada. É pedido ao adulto responsável pela criança, que relate fatos importantes na vida da criança. Detalhes, como a fase em que a criança estava ainda na barriga de sua mãe, o próprio parto, medicamentos tomados pela mãe e outros tantos, precisam ser investigados para se tentar recompor a história dessa criança;
- sempre que possível, fazer uma entrevista com a principal figura masculina da família;
- fazer um questionário com as pessoas que tomam conta da criança e com os familiares mais próximos, para se ter um panorama do histórico familiar, da renda familiar, da vida familiar e até um histórico médico familiar;
- e finalmente reunir todas as informações do aluno, juntando seu histórico escolar com as informações arrecadadas na entrevista com os familiares, dados sobre seu comportamento geral, seu relacionamento familiar, sua alimentação, entre outros.

O diagnóstico pedagógico do aluno começa no momento em que o aluno entra na escola e se estende até os primeiros seis meses de aula. As primeiras observações são sobre a fala, a expressão e a agressividade. Depois, na avaliação mais completa, deverão também constar o nível de vocabulário, a capacidade sequencial na escrita e nas atividades orais, os níveis de memória, a capacidade de coordenação, a compreensão verbal, da leitura e auditiva, o foco, o comportamento geral, a desordem espacial e cognitiva, as características da escrita, e o comportamento nas atividades extracurriculares.

O diagnóstico é sistematizado através do uso de planilhas que são preenchidas ao longo do ano por todas as pessoas que se relacionam diretamente com cada aluno, e,

bimestralmente, são realizadas reuniões para se discutir estratégias e o desempenho dos alunos e funcionários.

2.2 As causas e as reações mais comuns dos traumas emocionais

As causas mais comuns dos possíveis traumas emocionais são:

- a morte de parentes por causas externas;
- o testemunho de assassinatos ou agressões;
- castigos, torturas, abusos;
- doença mental ou alcoolismo familiar;
- violência entre os grupos armados do tráfico de drogas local;
- estado de estresse constante devido a conflitos múltiplos.

As reações traumáticas mais frequentes dividem-se em:

- reações corporais: baixa estatura, atraso do crescimento e desenvolvimento precoce puberal; inapetência; insônia e dificuldades de dormir devido a pesadelos; cefaléias; convulsões e tremores; hiperatividade; bipolaridade; problemas imunológicos e reações alérgicas; problemas de fala e de audição; visão; mudança de hemisfério cerebral.
- reações emocionais: estado de choque (terror profundo com dissociação e amnésia); medo intenso e síndrome do pânico; dissociações afetivas da realidade (flashbacks) com raiva e irritabilidade; reações depressivas (culpa, ansiedade, regressões, desespero, apatia); choros frequentes; enurese e encoprese (xixi na cama e defecação repetida e involuntária); alexythimia e uso da chupeta até a adolescência; pensamentos intrusivos e suicidas; perda da autoestima, síndrome de Asperger (colocar em rodapé: é uma síndrome do espectro autista, diferenciando-se do autismo clássico por não comportar nenhum atraso ou retardo global no desenvolvimento cognitivo ou da linguagem do aluno).
- reações cognitivas: problemas escolares e fracasso na escola; dificuldades de memória; discalculia; desconexão entre componentes; desordens na representação mental do espaço; gagueira; ausência de foco no olhar.
- reações comportamentais: são as condutas anti-sociais, a repetição da agressão, a agressividade dentro da escola, o autoflagelamento e os casos de abuso sexual.

Lidar com todas essas problemáticas é tarefa bastante difícil para os professores. Por isso, é necessário que o professor passe por constante capacitação e treinamento para aprender a lidar com cada situação. Também é importante a existência de uma rede integrada de profissionais de outras áreas que possam dar assistência mais específica, como é o caso de médicos, nutricionistas e psicólogos.

O trabalho de diagnóstico e de apoio feito com os familiares é também da maior importância. Eles próprios também sofrem cotidianamente com uma realidade bastante violenta e, da mesma forma, acabam por apresentar várias reações, como irritação constante com os filhos, choro de angústia, depressão e ansiedade, entre outros. Em vista disso, a escola Projeto Uerê está sempre aberta para recebê-los e ouvi-los.

Com relação às reações cognitivas, a pedagogia Uerê-Mello usa principalmente os recursos da reabilitação cognitiva, que procura “recuperar e estimular as habilidades funcionais e cognitivas que foram danificadas num dado momento depois do trauma” (MELLO, 2010, p.55). Daí a utilização de exercícios orais que ativam a memória de curto prazo, no intuito de solucionar problemas aí existentes, para então a criança passar a conseguir reter informação e, assim, a aprender.

2.3 Capacitação dos professores

A capacitação dos professores é ministrada pela própria Yvonne. Depois disso, é muito importante que os professores treinem a sua própria capacidade de aumentar sua rapidez no ensino, pois a Pedagogia Uerê-Mello está baseada, fundamentalmente, nas “mudanças rápidas de temas e de técnicas de ensino durante a permanência do aluno na escola” (MELLO, 2010, p.102). Paralelamente, será exigido do professor compreensão, pesquisa e entendimento.

Aos professores, serão apresentados (MELLO, 2010, p.101):

- os processos cerebrais e disfunções no aprendizado;
- o conhecimento das funções cognitivas;
- as causas mais comuns referentes a problemas no aprendizado;
- processos a serem usados na sala de aula;
- avaliação cognitiva: cada criança e seu desenvolvimento baseado nas anotações em sala de aula;
- estudos de caso;
- mecanismos básicos sobre memória e atenção;
- estratégias e ações.

O ideal é que esta capacitação se dê de forma continuada.

Vamos, no próximo capítulo, mostrar o passo a passo da aplicação da Pedagogia Uerê-Mello dentro do Projeto Uerê.

CAPÍTULO 3: OS DOZE MOMENTOS DE APRENDIZADO

A pedagogia Uerê-Mello enfatiza a conversa e a expressão de sentimentos, como instrumentos poderosos para trazer a memória e saber lidar com sentimentos dolorosos.
Yvonne Mello

De acordo com o que Yvonne pesquisou, o ideal é que o cérebro de uma criança passe por um “aquecimento” antes de ser exposto aos vários conteúdos escolares. Por isso, ela usa, nos primeiros momentos, exercícios que estão relacionados com a plasticidade cerebral. Os seis primeiros são fixos e feitos todos os dias nas salas de aula, até o quinto ano. Do sexto ano em diante, eles ficam a critério dos professores de cada disciplina. Com crianças de pré-escola, com idades entre quatro e seis anos, são aplicados somente os seis primeiros momentos. O resto do tempo é dedicado a brincadeiras dirigidas, jogos pedagógicos e jogos corporais. O principal foco aqui está na melhora da autoestima, da autoconfiança e de suas emoções.

Momento 1: entrada em sala de aula (5 minutos)

Este é um momento ao qual, no geral, não se dá tanta atenção. Mas aqui, este momento é considerado muito importante para que se atinjam bons níveis de produtividade. A recepção é feita com um sorriso, um abraço, elogios, palavras carinhosas, um olhar alegre, confiante, enfim, com um conjunto de elementos que compõem toda uma atitude positiva e afetiva do professor, que irá se refletir nos alunos. (em pé de página: “o sorriso relaxa o maxilar e coloca o aluno num estado positivo de recepção, além de demonstrar afetividade. Quando sorrimos com vontade, há, internamente, um aumento de oxigenação na corrente sanguínea e de estímulos cerebrais que aumentam o neurotransmissor que produz o bem-estar, que é a serotonina (...) a risada também fortalece o sistema respiratório e circulatório e melhora o estresse”. Yvonne, p. 158/159).

Momento 2: conversação I, II e III (20 minutos)

Nos momentos de conversação é que se trabalha a parte emocional das crianças.

Na conversação I, é feita uma espécie de limpeza cerebral, onde as crianças falam, uma de cada vez, sobre os fatos vividos no dia anterior, de forma concisa e em sequencia temporal. É, também, o momento ideal para que o professor observe alguns detalhes que podem ajudar no diagnóstico continuado dos possíveis traumas, como por exemplo:

- se a criança tem foco no olhar, ou se fala olhando para o chão ou para os lados;
- se o aluno coloca a mão na boca ao falar;

- se o aluno verbaliza o que tem em mente; é importante estimular falas mais desenvolvidas e não deixar que a criança apenas diga se o dia foi bom, ou ruim;
- qual a qualidade do vocabulário utilizado pela criança (se usa muita gíria, ou palavras pronunciadas de forma errada, ou se faz uso de palavras inadequadas para o referido contexto);
- quanto à parte emocional da criança, é importante observar como a criança olha, como fala, e se não fala, se chora, se demonstra nervosismo, e outros; a criança pode estar passando por um momento muito delicado, e a atenção e assistência imediata do professor é crucial .

Há uma rápida evolução na capacidade das crianças verbalizarem todas suas atividades do dia anterior, o que denota um aumento da autoconfiança. Entre as contribuições desta atividade estão o estímulo cerebral, da memória e da lógica, além do alívio das tensões e da criação de um vínculo com o professor e com a escola.

Na conversação II, o foco é direcionado para um contexto mais amplo. O professor pode escolher um tema junto com os alunos, como, por exemplo, futebol, ou uma brincadeira, ou uma estória, e estimular uma breve conversa sobre ele. Também é o momento em que os alunos relatam notícias que eles leram ou ouviram na televisão, ou rádio. Este momento tem o objetivo de aumentar a capacidade das crianças se exprimirem e é excelente para se fazer correções do português. Também propicia mais animação, interação e companheirismo.

Na conversação III, é o momento em que o professor conta o que viveu no dia anterior. A intenção aqui é fazer com que professor e aluno se conheçam melhor. As crianças ficam muito interessadas e passam a ver o professor não apenas como aquele que está ali para ensinar conteúdos escolares, mas também como um ser humano que quer compartilhar. Esta dinâmica é muito eficaz na consolidação da confiança entre aluno e professor, que será fundamental para que o professor possa realmente intervir de forma a ajudar a melhorar a vida de seu aluno na escola, na família e na sociedade.

Momento 3: relaxamento e ginástica (5 minutos)

A intenção aqui é promover o relaxamento dos músculos e a ativação da energia corporal. Exercícios de alongamento e respiratórios são ministrados de forma rápida e objetiva. Como exemplos, podemos citar rotações do pescoço, assim com das articulações das mãos, punhos, braços, pernas e pés, e alongamento do tronco. Ao final, exercícios de respiração são usados para relaxar.

Momento 4: exercícios com idiomas (10 minutos)

A pedagogia usa exercícios orais com diferentes idiomas, como o inglês, o francês, o espanhol, o alemão, o japonês, o chinês, o iorubá e o pataxó. A intenção é estimular o cérebro usando os diferentes sons produzidos por esses diferentes idiomas, exercitando a audição, a percepção e a memória. O trabalho é feito com o uso de números, dos nomes das cores, palavras e diálogos do cotidiano, com o auxílio de mapas para ajudarem na contextualização. A dramatização de pequenos diálogos, o uso de canções, de vídeos e fotografia, e pesquisas sobre os mais diversos países que falam as diversas línguas, também colaboram como ótimas ferramentas de trabalho.

Há, à disposição dos professores, tabelas que contêm todas as informações necessárias sobre as várias línguas usadas em sala de aula. A melhora na compreensão dos fonemas, a rapidez de raciocínio, a melhora na concentração, da fala e da audição, são alguns dos resultados positivos alcançados com essas atividades.

Momento 5: planejamento do dia (10 minutos)

Este é um “exercício diário de planejamento espacial importante para crianças que não têm uma vida planejada dentro de casa ou na comunidade” (MELLO, 2010, p.176), que consta do planejamento conjunto, feito pelo professor com a ajuda dos alunos, dos conteúdos a serem abordados naquela aula, em específico, assim como o seu organograma. A atividade pode ser estendida ao planejamento do fim de semana. É um excelente exercício para melhorar o planejamento do tempo, a concentração, a organização do pensamento e das ações. Além disso, há um aumento do interesse dos alunos em aula, e uma maior interação com o professor.

Momento 6: exercícios orais de plasticidade cerebral e velocidade da memória

O foco aqui é trabalhar a velocidade da memória com o uso de exercícios específicos, usando palavras, números e a combinação desses dois elementos com diferentes sons. Há uma categorização quanto ao nível de dificuldade do exercício, que vai de 1 a 9, e que será considerada pelo professor, em acordo com a capacidade individual dos alunos. A velocidade, aqui empregada, vai aumentando, conforme o aumento do nível dos exercícios. Pode-se usar a repetição de sequências de números, de números pares e ímpares, a resposta para resoluções de contas simples de matemática, a requisição de palavras dentro de um tema específico (partes do corpo, nomes de frutas, de cores), ou palavras que tenham determinada letra no seu início, e outros exercícios mais.

Na capacitação, o professor passa por um treinamento em velocidade, já que ela é elemento fundamental para a eficácia do exercício. O uso destes exercícios mostrou

resultados positivos no armazenamento de informações, na escrita e na fala, na velocidade da compreensão e percepção, e na autoestima.

Momento 7: aulas extracurriculares

No projeto Uerê, as aulas extracurriculares englobam aulas de dança, de música, de artes e de capoeira, e têm duração de 35 a 40 minutos. O importante é “capacitar os professores para observar as crianças nas diversas atividades, para elaboração do diagnóstico” (MELLO, 2010, p.182), porque o atendimento à criança deve ser integral e ela pode apresentar diferentes comportamentos em lugares diferentes.

Entre os resultados observados dessas práticas estão a melhora da socialização, da cognição, da audição, do foco, da percepção, do equilíbrio e da coordenação.

Momento 8: novos conteúdos

A pedagogia Uerê-Mello defende que todo e qualquer conteúdo deve ser abordado primeiro de forma oral, como se o professor fosse contar uma estória, para só depois se partir para exercícios escritos. Também é fundamental que se construa o que Yvonne chama de “pré-conhecimento”, que é um conjunto de informações necessárias àquele conteúdo novo que se vai abordar. Portanto, o professor deve estar atento ao fato de que, muitas vezes, ele terá de voltar a conteúdos que já deviam ser do conhecimento dos alunos, pois muitos deles podem nunca ter visto tal conteúdo, ou, simplesmente, não ter armazenado a informação.

Como a pedagogia realça a importância da formação da linguagem, nas aulas de português há ditados diários e a produção de redações, três vezes por semana. O estímulo à escrita de redações desde o segundo ano do ensino básico “aumenta a capacidade de lógica e de planejamento de um texto” (MELLO, 2010, p. 188). Como complemento, a leitura é, da mesma forma, muito estimulada, pois, além de ajudar no aumento de vocabulário, auxilia na compreensão da estrutura geral de um texto (início, meio, fim), assim como a compreensão da estrutura de uma frase e sua pontuação.

Momento 9: trabalhos escolares

Esta pedagogia não estimula as tarefas para casa, pelo simples fato de que a maioria das crianças que vivem em zona de risco não pode contar com a ajuda de um adulto, ou outra pessoa qualificada, para a execução destas tarefas. Por isso, os exercícios das matérias são feitos em sala de aula e em grupo, para que, além do professor, os próprios colegas possam ajudar uns aos outros. Mas é importante salientar que este procedimento é circunstancial. A tarefa para casa se constitui numa das três etapas fundamentais para o aprendizado, conforme também nos ensina o professor Piazzzi (2010.). Ele divide o

ciclo de aquisição de conhecimento, e o conseqüente incremento do nível de inteligência, em três fases: entender, aprender e fixar. Quando o aluno assiste à aula, está passando pela fase de entendimento, onde ele faz descobertas e conecta os novos conteúdos aos previamente aprendidos. Em casa, ao realizar as tarefas, é o momento em que o aluno estuda e “prepara os caminhos para transformar informação em conhecimento” (PIAZZI, 2010, p. 92). É aqui que ele “aprende”. E, ao dormir, seu cérebro aproveita para reestruturar as redes sinápticas, fixando os conteúdos aprendidos. Mas, para que este ciclo seja realmente eficaz, ele precisa ser praticado todos os dias.

Momento 10: jogos e brincadeiras

A pedagogia prevê a existência de uma brinquedoteca e de um cantinho da leitura nas salas de aula, como forma de suprir a possível falta tanto de brinquedos, como de livros, nas casas das crianças que vivem em comunidades pobres e conflagradas. O momento de brincar é forte ferramenta de socialização, importante aprendizado para o bom relacionamento em todas as experiências sociais. Também é um momento propício para que o professor observe os diferentes comportamentos, com vistas a complementar o diagnóstico de cada aluno.

Momentos 11 e 12: arrumação da sala e preparação da saída

Nesta hora, desenvolve-se a noção de conservação patrimonial. Se a criança almoça na escola, é importante haver observação por parte do professor, ou de pessoal responsável por este departamento, para que se detecte possíveis casos de inapetência.

3.1 Exemplos de resultados obtidos com o uso da pedagogia

A partir de um estudo feito com 1.700 crianças desde o ano 2000, Yvonne apresenta os seguintes resultados obtidos ao aplicar a Pedagogia Uerê-Mello (MELLO, 2010, p. 157):

- melhora na parte emocional e desbloqueio;
- melhor sustentação da atenção;
- melhor controle dos impulsos das emoções;
- melhora do aprendizado em geral;
- grande aumento no nível da memória curta;
- maior organização cerebral;
- melhor concentração e coordenação;
- resolução dos bloqueios na fala, escrita e leitura;
- melhora de comportamento em geral;

- conversação mais fluida e coerente: idéias mais organizadas sequencialmente;
- melhor organização das diversas tarefas escolares e nas tarefas do dia a dia em casa;
- melhor entendimento da comunidade;
- melhor adaptação societária.

Alguns dos resultados acima também foram observados em alunos da Escola Municipal Atenas, no Rio de Janeiro, depois de um curto tempo de aplicação da pedagogia (ver anexo 2).

CAPÍTULO 4: AS AULAS DE MÚSICA DENTRO DO PROJETO UERÊ

“Para ser válida, toda ação educativa deve necessariamente ser precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto, do homem concreto a quem queremos educar ou melhor: a quem queremos ajudar a que se eduque. Se vier a faltar tal reflexão sobre o homem, corre-se o risco de adotar métodos educativos e maneiras de agir que reduzem o homem à condição de objeto, quando a sua vocação é de ser sujeito e não objeto.”

Paulo Freire

Crianças traumatizadas são, muitas vezes, crianças tristes e desinteressadas. Com as aulas de música, a Pedagogia quer, principalmente, trazer a alegria para as vidas dessas crianças, e lhes dar a oportunidade de acesso ao conhecimento dos conteúdos musicais, da História da música brasileira e do mundo, e de prática musical. A intenção é usar vários recursos como a formação de bandas e coros, a mostra de filmes e vídeos com shows, óperas e orquestras, partituras, instrumentos variados, jogos musicais e oficinas de construção artesanal de instrumentos. Além disso, as crianças participam frequentemente de eventos e festas, assim como de encontros de corais.

Como a música faz parte da Pedagogia Uerê-Mello como atividade extracurricular e que, por si só, já contribui para a melhora da capacidade cognitiva das crianças, não há um passo a passo específico, como os 12 momentos já citados.¹⁹ Mas, Yvonne sugere que o momento 1, que se refere ao acolhimento, e o momento 2, das conversações, sejam realizados da mesma forma que nas demais disciplinas.

Na prática, conforme a pesquisa de campo e as respostas da professora Cristina (a professora respondeu um questionário por escrito; ver versão completa em anexo 1), responsável pelo coro do Projeto Uerê, constatou-se que o primeiro momento da Pedagogia, o acolhimento, está sempre presente. Já o segundo, das conversações, também sugerido por Yvonne, assim como os demais momentos, não são sistematizados como nas aulas em sala de aula regular. A professora faz uso dos demais momentos conforme ela sente a necessidade. Talvez, essa sistematização seja um pouco mais complicada nas aulas de música, visto que a carga horária (existem três diferentes

¹⁹ Conforme exposto no livro da Mestre em educação musical e deficiência, Viviane dos Santos Louro, “a musicalização trabalha todos os aspectos psicomotores necessários, entre outras coisas, para uma aprendizagem futura, seja esta musical ou outras”; a psicomotricidade é o desenvolvimento humano que integra o psicológico, a cognição e a capacidade motora (LOURO, 2006, p. 60).

grupos de alunos, divididos por faixa etária ou nível de alfabetização, que participam de uma aula de música por semana, com duração de 45 minutos a 1 hora e 15 minutos, de acordo com o grupo, ou a necessidade dentro do planejamento) reservada para tal atividade é bastante reduzida em comparação às outras disciplinas.

Em minhas observações notei bastante ênfase aos exercícios de consciência corporal, onde as crianças andam/dançam ao som de várias músicas, fazem vários alongamentos, e exercícios de técnica vocal e respiração (que é análogo ao momento 3 da Pedagogia Uerê-Mello). As crianças também demonstraram bastante agilidade e domínio da noção espacial durante os ensaios para as apresentações, que incluem, além do canto em coral, coreografias diversas. Há também, de forma regular, exercícios de estimulação da memória, através do aprendizado oral de novas canções, antes de as crianças terem acesso às letras das mesmas, e do uso em aula de músicas já trabalhadas anteriormente. A professora conta que com isso as crianças apresentam aumento de vocabulário e melhora da dicção e da expressão verbal como um todo.

Mesmo com a pequena carga horária semanal de aulas de música, a professora enfatiza o sucesso da pedagogia sobre o desenvolvimento de seus alunos. Atuando no Projeto Uerê desde o ano de 2002, Cristina relata em resposta à pergunta “você consegue perceber o desenvolvimento das crianças?” que

a cada ano que passa, percebo as crianças mais focadas, com mais facilidade de concentração e mais participativas, trazendo elementos que enriquecem o trabalho na sala, sugerindo temas ou repertórios pertinentes, e com maior consciência de seu papel no grupo em que estão inseridas.

Quando lhe foi requerido fazer uma comparação entre os comportamentos das crianças do Projeto Uerê, em relação aos de outras crianças, fora do Projeto, com as quais Cristina já trabalhou, a professora, que teve mais experiência com educação infantil (crianças com 4 e 5 anos de idade) e pouca experiência com crianças do 1º, 2º e 3º anos, diz que ainda assim percebe que existe diferença. Para ela, no Projeto, as crianças desenvolveram mais comprometimento, mais concentração, mais desenvoltura, maior capacidade de se expressar, de ouvir e compreender.

Neste ponto, diante de minha própria experiência em estágios para o curso de Licenciatura em Música e da pesquisa de campo realizada no Projeto Uerê, concordo com o relato da professora Cristina. A falta de concentração e a dificuldade em ouvir, compreender e se expressar eram aspectos que se destacavam no comportamento das

crianças, principalmente as do primeiro segmento, das escolas municipais. Ao observar as crianças do Projeto, também do primeiro segmento, percebi bastante diferença, as quais se aproximam do que foi descrito acima pela professora Cristina.

Outro aspecto do comportamento das crianças do Projeto que me chamou a atenção, durante a pesquisa de campo, é que elas demonstram relações bem amigáveis e de parceria. Durante os estágios dos quais participei, eram comuns casos de brigas entre as crianças, desentendimentos e até agressões, que chegavam a chocar os professores. Ao ser questionada sobre este aspecto, Cristina disse:

Nas poucas vezes que observei algum tipo de discriminação percebi também que a questão foi rapidamente resolvida na sala com as professoras efetivas, mas é raro, porque geralmente em cada turma os alunos naturalmente desenvolvem um vínculo afetivo e se interessam pelos colegas. A dinâmica do início do dia os ajuda a compartilhar impressões e experiências de maneira natural,

referindo-se ao momento 2 da Pedagogia.

E finalmente, quis saber quais os aspectos da Pedagogia Uerê-Mello que mais chamavam sua atenção. Para esta pergunta, a professora respondeu:

Para mim, uma das coisas mais relevantes é o próprio olhar da professora, a maneira de interpretar sinais e interagir com o aluno, a troca de opiniões com respeito mútuo, sem preconceito, e com amor explícito. Outro aspecto que me chama a atenção é a alegria de aprender, o estímulo a uma curiosidade que transforma a aquisição de conhecimentos e exercícios de treinamento em coisas divertidas e interessantes para as crianças.

Achei relevante ser o “olhar da professora” o primeiro aspecto a chamar a atenção de Cristina, porque vai ao encontro do que eu entendo como uma condição para uma possível mudança no espaço escolar. Nós, como professores, temos de manter em mente a reflexão sobre nosso papel, que não é o de mero transmissor de uma informação, mas sim um vetor dirigido principalmente à ampliação de horizontes, que acontece através da criação de relações com o saber. Inseridas nessas relações, além das informações, estão diálogos entre energias internas, dos alunos e dos professores, que, de acordo com suas características (se positivas ou negativas), assim como as do ambiente em que se encontram, irão gerar mais ou menos interesse pelo aprendizado, e, conseqüentemente, mais ou menos apreensão de conteúdos. Para isso, de acordo com as idéias de Saltini (2008), precisamos nos esforçar em conhecer mais o aluno à nossa frente, não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua

interioridade afetiva, na sua necessidade de criança que ri, que chora, e que busca compreender o mundo à sua volta. Esta atitude poderá ajudar no ajuste de foco do olhar do professor, e a conduzir a ações no sentido como foi descrito no parágrafo anterior por Cristina (com respeito mútuo, sem preconceito e com amor explícito), as quais são vistas como ações muito positivas e essenciais para uma aprendizagem significativa.

Em relação à qualidade das relações, a afetividade por parte do professor tem um papel importante a cumprir. Como constatado por Yusaku Soussumi,²⁰ quando ainda somos bebês, “experiências afetivo-emocionais decisivas ficam inscritas nos circuitos neuronais de nosso cérebro, na forma de registros básicos de memória, os quais serão determinantes, para o futuro, do comportamento predominante do indivíduo”.²¹

Mas, novamente, pela plasticidade cerebral inerente a qualquer processo de aprendizagem, Soussumi afirma que existe a possibilidade de se estabelecer novos circuitos capazes de neutralizar os registros primitivos. Estes se darão pelo estabelecimento de um vínculo afetivo entre professor e aluno, a partir de uma relação de empatia, que naturalmente acaba acontecendo através dos frequentes contatos que também devem acontecer fora do espaço escolar, até mesmo com a família do educando, e que ajudam a aproximá-los afetivamente. A “pedra de toque” para que isso aconteça, conforme o neuropsicanalista, é a escuta, que também é enfatizada na Pedagogia Uerê-Mello e praticada no momento 2, o das conversações.

Saltini (2008), ao falar do papel da escuta, considera que escutar também é educar. Em suas palavras, “escutar uma criança é dar luz ao Ser que aí nasce, é dar espaço às primeiras ações simbólicas; é dar significado aos primeiros significantes elaborados pela mente humana” (p. 23). A escuta amorosa proporciona à criança sentir-se visto, observado e existindo de fato.²²

Quanto à ação isolada de um professor, Maura Penna diz,

a pequena atuação de cada um não irá “salvar” a educação brasileira.
O simples fato de se ter a música ou a arte como material na ação

²⁰ Paulista, médico neuropsicanalista que desenvolveu a teoria dos registros básicos de memória e a pedagogia do vínculo afetivo, aplicadas no Instituto Rukha, que ele coordena, o qual atende crianças e jovens em risco social. Em: <http://www.rukha.org>. Acesso em: 2 junho de 2011.

²¹ Soussumi, em: <http://www.rukha.org/files/pedagogiadovinculoafetivo.pdf>. Acesso em: 2 de junho de 2011.

²² Conforme Soussumi, as bases afetivo-emocionais são construídas a partir de quatro eixos fundamentais: a capacidade de perceber a si e ao outro; a capacidade de compreender o sentido que a percepção constrói a respeito de si, do outro, das coisas, dos acontecimentos e do ambiente; a capacidade de questionar-se de forma permanente sobre esse sentido, e a capacidade de estabelecer trocas e trocas criativas. Em: <http://www.rukha.org/files/pedagogiadovinculoafetivo.pdf>. Acesso em: 2 de junho de 2011.

pedagógica tampouco irá fazer com que sua prática seja transformadora por si mesma. Uma educação musical qualquer não “compensa” necessariamente o acesso socialmente diferenciado à arte (...) no quadro de um sistema educacional elitista e excludente, antes reforça as diferenças socioculturais. Mas se a ação transformadora da educação como um todo não se opera pela ação isolada de um professor ou em apenas uma área de conhecimento, ela também se realiza através dessas várias instâncias: através da ação e da atitude de cada educador, através de cada matéria escolar etc. Por isso é tão necessário repensar profundamente a nossa prática e seus pressupostos, articulando esforços tanto no plano da ação como da reflexão (PENNA, 2008, p. 43).

A importância desta articulação de esforços é bastante ressaltada por Yvonne em sua pedagogia. Todos dentro do Projeto Uerê estão conscientes desta importância e atuam dentro dos preceitos defendidos pela Pedagogia Uerê-Mello, o que se expressa nos bons resultados adquiridos. Conforme a experiência de Yvonne, somente este esforço conjunto e a atuação do tempo é que podem concretizar todo o investimento que é feito diariamente.

É assim que a Pedagogia Uerê-Mello está começando a ser utilizada em outros espaços fora do Projeto Uerê. Como um exemplo de sucesso na implementação da Pedagogia na rede pública, cito o exemplo da Escola Municipal Atenas, localizada em Inhoaíba, no Rio de Janeiro, que no IDERIO (Índice de Desenvolvimento de Ensino da Cidade) 2010 tirou o primeiro lugar na 9ª Coordenadoria Regional de Educação e foi a 5ª colocada de toda a Rede Municipal de Ensino (ver respostas escritas a questionário no anexo 2).²³ Conforme as informações da coordenadora da escola, Cristiane, estas conquistas são o reflexo da eficácia do uso da Pedagogia Uerê-Mello por todos os professores da escola. Além disso, ela também confirma o aumento da autoestima dos alunos, desenvolvimento cognitivo e, por parte dos professores, mais segurança em relação ao seu trabalho. E complementa: “os alunos demonstram grande satisfação por agora conseguir aprender e têm certeza que isso acontece graças à pedagogia, pois tudo que é feito, antes é explicado às turmas” (ver questionário em anexo 2). Esta informação remete a um procedimento natural durante as aulas, onde as professoras são incentivadas a explicar aos alunos o porquê do uso de determinadas técnicas, como a ênfase em exercícios orais, para que as próprias crianças “aprendam como funciona o cérebro e cada pedacinho do corpo aprendendo a utilizar os mecanismos propostos

²³ informação confirmada através do site <http://ematenas.blogspot.com/2011/05/escola-0918004-atenas-iderio-1-lugar-da.html>. Acesso em: 01 de julho de 2011.

corretamente” (MELLO, 2010, p.47). Infelizmente, não há aulas de música de forma sistematizada na Escola Municipal Atenas, mas, conforme resposta ao questionário, “todas as turmas trabalham frequentemente com músicas” (ver anexo 2).

CAPÍTULO 5: PLASTICIDADE CEREBRAL E PSICOMOTRICIDADE

De um modo geral, as funções musicais parecem ser complexas, múltiplas e de localizações assimétricas, envolvendo o hemisfério direito para altura, timbre e discriminação melódica, e o esquerdo para ritmos, identificação semântica de melodias, senso de familiaridade, processamento temporal e sequência de sons. No entanto, a lateralização (é a dominância lateral da pessoa, construída por dados neurológicos [hemisfério cerebral dominante] e hábitos sociais [destro ou canhoto]) das funções musicais pode ser diferente em músicos, comparada a indivíduos sem treinamento musical, o que sugere um papel da música na chamada plasticidade cerebral.”²⁴

Durante muito tempo, acreditou-se que o cérebro não possuía capacidade para regenerar suas células nervosas. Hoje, sabe-se que o cérebro muda constantemente durante toda a nossa vida, sendo que ele apresenta diferenças na quantidade e qualidade das modificações em função da fase de vida pela qual estamos passando (infância, adolescência, fase adulta, velhice), dos fatores culturais e das experiências particulares de cada pessoa, as quais não podem ser generalizadas. Daí ser o cérebro o órgão mais difícil de ser entendido e estudado.

Os neurônios, células base do sistema nervoso, estão agrupados no cérebro em grandes conjuntos, conforme as diferentes funções por que são responsáveis, formando uma rede interligada, como um grande mosaico, onde cada parte realiza uma função específica, que são as várias áreas funcionais que formam o córtex cerebral, a mais nova área cerebral dentro da evolução do cérebro humano. No nascimento, mesmo já tendo um formato muito próximo do tamanho final, o cérebro apresenta um funcionamento bastante rudimentar, pois as partes mais desenvolvidas aí são as que se localizam no mesencéfalo, na parte inferior do cérebro, que contém sistemas que regulam a atenção, o sono e a vigília. O ritmo de desenvolvimento das diferentes partes do córtex impõe limites sobre as habilidades motoras e perceptivas da criança, orientando esse desenvolvimento” (BEE *apud* CORRÊA, 2005, p.131).

Entende-se por plasticidade cerebral “a capacidade de o sistema nervoso alterar o funcionamento motor e perceptivo baseado nas mudanças do ambiente, através da

²⁴ Em: www.revistaneurociencias.com.br, artigo de Mauro Muszkat, Cleo M. F. Correia e Sandra M. Campos, intitulado “Musica e Neurociências”. Acesso em: 28 de maio de 2011.

conexão e re-conexão das sinapses nervosas, organizando e reorganizando as informações dos estímulos motores e sensitivos” (CORRÊA, 2005, p. 37). Ela é mais ativa durante a infância, mas, como já foi dito, está presente em todas as fases de nossas vidas.²⁵ Afinal, o aprendizado é algo constante em nossas vidas, e ele se dá pela plasticidade cerebral. A Pedagogia Uerê-Mello entende as diferentes fases de desenvolvimento cerebral e, assim, se propõe a atuar positivamente sobre elas, principalmente sobre as compreendidas entre a infância e a adolescência.

Do nascimento até aproximadamente os seis anos de idade há uma intensa atividade cerebral, pois é um momento em que todas as funções primordiais estão sendo desenvolvidas. O bebê passará por várias fases de desenvolvimento que o levarão de movimentos desconexos e involuntários à capacidade de se mover e locomover perfeitamente, de compreender e utilizar uma linguagem, desenvolvendo paralelamente o pensamento, de aprender a usar e decifrar todos os seus sentidos, e ainda a se relacionar com os mais variados objetos, situações e pessoas à sua volta. É uma fase valiosíssima em se tratando de aprendizagem, pois a criança está neurologicamente mais receptiva aos diversos estímulos. Como a criança nasce com um número maior de neurônios do que vai precisar na vida adulta, durante esta primeira fase, acontece o que é chamado de “poda” cerebral, onde as sinapses (ligações neuronais) mais integradas ao sistema sobrevivem, enquanto as menos utilizadas são eliminadas.²⁶ Essa maior integração sináptica se dá através da vivência, por parte das crianças, de experiências desafiadoras, que exijam a interação com o ambiente e que demandem sua curiosidade constante na atividade.

As crianças atendidas dentro do projeto Uerê geralmente provêm de ambientes muito tumultuados, onde os estímulos são precários, ou mais negativos do que positivos. O primeiro aspecto problemático está ligado à alimentação. Muitas crianças chegam à escola com os mais diversos problemas ligados à má nutrição, sendo a desnutrição primária crônica, a qual afeta todo o desenvolvimento da criança, um dos mais comuns (MELLO, 2010, p. 58).

A estrutura familiar é instável, geralmente com a ausência do pai e/ou mãe, ou de algum adulto que dê segurança e afeto à criança nos momentos de grande estresse, devido aos mais variados episódios de violência, tanto fora, como dentro de casa. É o

²⁵ Isto porque, quando nascemos, temos a estrutura do sistema nervoso completa, mas ainda são necessários alguns anos para que seu funcionamento seja eficaz. É o que conhecemos como processo de maturação.

²⁶ Em: <http://educaneuro.blogspot.com>. Acesso em: 5 de maio de 2011.

caso das brigas constantes, dos castigos e agressões, dos abusos, negligência, de casos de alcoolismo, da morte de parentes, até a separação familiar.

Com relação à linguagem, é comum as crianças apresentarem problemas de dicção, de uso errado dos fonemas, o uso de um vocabulário muito restrito ou dificuldade em se expressar, devido à falta de estímulo ou a estímulos equivocados.

As casas são geralmente muito pequenas, com cômodos pequenos e com pouco espaço para a exploração espacial e dos objetos por parte da criança, o que estimularia o desenvolvimento da imaginação e da representação mental do espaço.

A inexistência de um diálogo estruturado entre o adulto e a criança, somado às ordens em tom alto, em sentido cruzado ou lateral, de forma imperativa e com vocabulário pobre, impossibilita que o som chegue direto aos ouvidos desta criança, colaborando para que ela tenha dificuldade de focar a atenção, causando grandes prejuízos ao aprendizado. O suprimento de um ambiente positivamente estimulante, que explore as capacidades individuais de cada aluno, passa a ser responsabilidade da escola.

Podemos dizer que esses estímulos precários somados aos fatores de violência já citados anteriormente vão tendo um efeito cumulativo, crônico e progressivo, e acabam por se transformarem em traumas emocionais, que vão resultar no atraso do desenvolvimento cerebral e cognitivo.

Ciente dos danos nos circuitos e associações neuronais que os traumas emocionais podem causar, Yvonne baseou a Pedagogia Uerê-Mello principalmente no uso de exercícios orais em sala de aula, seguindo os recentes estudos sobre o funcionamento do cérebro, concernentes aos diferentes estados de irrigação cerebral, nas mais diversas atividades que desempenhamos, sejam elas ler, escrever, assistir televisão ou ouvir música, por exemplo. De acordo com o neurocientista japonês, Ryuta Kawashima, especialista em neurofisiologia que mapeou as regiões do cérebro quanto às suas diferentes funções, o cérebro é bastante irrigado quando fazemos exercícios de cálculos, em todas as quatro operações matemáticas, quando combinamos cálculos com palavras, quando lemos em voz alta, e quando aumentamos a velocidade dos exercícios de plasticidade cerebral. Ao contrário, quando fazemos atividades que não requerem velocidade, como escrever, assistir à televisão, ou meditar, a irrigação cerebral é mínima. Sendo assim, a dose diária de exercícios orais vai estimular a irrigação cerebral, e a consequente plasticidade cerebral, ou seja, a construção de novas redes neuronais, proporcionando a reabilitação das funções motoras, sensoriais e cognitivas

dos alunos. O que também é interessante ressaltar é que “os exercícios orais acalmam e diminuem a ansiedade dos alunos mais ativos assim como aumenta a velocidade de raciocínio dos mais passivos” (MELLO, 2010, p.38).

Neste aspecto, de se obter uma grande estimulação cerebral, podemos incluir a incomparável contribuição das atividades musicais. Com as recentes pesquisas sobre o funcionamento cerebral, através da análise das imagens cerebrais obtidas em exames de imageamento cerebral funcional,²⁷ os neurocientistas elegeram a música como o mais rico domínio para o estudo do comportamento cerebral,²⁸ já que ela envolve várias áreas, e funções, cerebrais. Dentre elas, podemos citar a da emoção, da memória, da cognição, audição, visão, atenção, controle motor, percepção geral e de padrões, associação de imagens, e plasticidade.

Nada requer mais atividade cerebral do que escutar música. Somos tão influenciados pela música que, mesmo que não nos mexamos, ao ouvirmos uma música, ou um ritmo, nosso cérebro irá responder a este estímulo. Aliás, o que geralmente acontece, é que, frequentemente, vemos nosso corpo reagir quase involuntariamente com movimentos aos mais variados estímulos sonoros. Ao ouvir uma música, nosso cérebro começa a processar todos os componentes que a constituem, manipulando padrões bastante complexos. Como Robert Jourdain²⁹ explica,

Modelamos um padrão atrás do outro, sucessivamente, até chegarmos a um movimento de sinfonia. Tons sucessivos são ligados, para formar fragmentos melódicos e, depois, melodias inteiras e suas frases; em seguida, passagens longas. Tons simultâneos são integrados em intervalos que, por sua vez, integram-se em acordes, e estes em progressões harmônicas. Padrões de acentuação são mapeados como ritmos. Mudanças de intensidade combinam-se em crescendos e decrescendos. À medida que nossos cérebros codificam essas relações, surgem as sensações de som. Não é que nossos cérebros juntem uma teia de relações para formar a música e, depois, a “ouçam”. Em vez disso, ouvir é o ato de modelar essas relações (JOURDAIN, 1997, p.23).

Toda esta atividade cerebral cria, simultaneamente, expectativas em relação ao que virá a seguir na peça musical que está sendo apreciada. A concretização ou a

²⁷ Imagem por ressonância magnética funcional (IRM), tomografia por emissão de pósitron (PET), tomografia por emissão de fóton único (SPECT).

²⁸ Fala do neurocientista Aniruddh Patel, em vídeo no youtube [<http://youtu.be/ZgKFeuzGEns>] chamado “Music and the mind”, do The Neurosciences Institute, San Diego, Califórnia. Acesso em: 10 de maio de 2011.

²⁹ Pianista profissional que trabalha com Inteligência Artificial, autor do livro “Música, Cérebro e Êxtase” (1997).

frustração dessas expectativas é que vão gerar as sensações de prazer ou desprazer em relação ao que se está ouvindo. Esta sensação de prazer, que acontece ao ouvirmos todo o tipo de música, deve-se à liberação de dopamina, uma substância química ligada a regiões muito antigas e muito profundas no cérebro, que compõem o sistema de recompensa, que serve para reforçar alguns comportamentos essenciais à sobrevivência, tais como a alimentação e o sexo.³⁰

Além disso, pesquisas feitas por neurocientistas nos Estados Unidos detectaram que as pessoas que tem um bom entendimento da gramática musical, que se traduz numa noção não profissional de tonalidade, escala musical, ritmo e harmonia musical, também são bem sucedidas em testes de gramática de sua língua, sugerindo que a música usa as mesmas áreas funcionais envolvidas no processamento das linguagens.³¹ Talvez por isso, tenha-se comprovado que crianças estimuladas musicalmente começam a aprender mais depressa, aprendem a falar mais fluentemente, têm melhores notas e um maior nível de sucesso.

Mesmo um adulto, que, a princípio, deveria ter menos plasticidade cerebral, ao aprender a tocar um instrumento musical, vai obter um desenvolvimento sináptico nas relativas regiões cerebrais, principalmente as motoras.

A esta altura, podemos traçar um paralelo entre a plasticidade cerebral e a psicomotricidade. Podemos dizer que a primeira está para a Pedagogia Uerê-Mello, assim como a segunda está para a Educação Especial (área da Pedagogia voltada para a educação de crianças com necessidades especiais) e para a Educação Musical.

Já sabemos que, nos primeiros anos de vida de uma criança, grande parte do desenvolvimento humano acontece. E ele se dá através do que é conhecido como psicomotricidade, tão bem descrito por Viviane dos Santos Louro:

Grande parte do desenvolvimento humano ocorre nos primeiros anos de vida através da coordenação das ações sensório-motoras, ou seja, através do perceber, se relacionar e construir uma imagem interna do mundo exterior. O desenvolvimento, principalmente da inteligência depende das vivências que a pessoa trava com o mundo externo. Sendo assim, a relação corpo-movimento-sentidos é de crucial importância para o amadurecimento global do homem, para que ele possa assumir-se como ser no mundo e assim construir sua estória.

³⁰ Em vídeo no youtube [<http://youtu.be/ZgKFeuzGEns>] chamado “Music and the mind”, do The Neurosciences Institute, San Diego, Califórnia. Acesso em: 10 de maio de 2011.

³¹ Em vídeo no youtube [<http://youtu.be/ZgKFeuzGEns>] chamado “Music and the mind”, do The Neurosciences Institute, San Diego, Califórnia. Acesso em: 10 de maio de 2011.

Esse processo de evolução, em princípio, natural a todos, é o que conhecemos por psicomotricidade... (LOURO, 2006, p.53).³²

Em outras palavras, “a psicomotricidade é a relação entre o querer fazer (Psicológico – vontade), o saber fazer (Cognição – mental) e o poder fazer (capacidade motora de realização)” (LOURO, 2006, p.54).

Para que este desenvolvimento se dê de forma plena, é necessário que haja uma boa maturação neurológica, a qual decorre das vivências e dos estímulos dados às pessoas no início de suas vidas. Como exemplos de vivências, podemos citar o perceber e tocar no seu corpo, os estímulos auditivos, visuais, do paladar, do olfato, correr, pular, brincar, e tantos outros que englobam praticamente toda e qualquer atividade.

Os principais aspectos que envolvem o desenvolvimento motor são:

- esquema e imagem corporal: é o modo de perceber o próprio corpo; a noção tridimensional que temos de nós mesmos; crucial para a formação da personalidade;
- tônus: controla e organiza toda a atividade muscular; através do movimento, a pessoa descobre, utiliza e controla seu corpo;
- equilíbrio: base da coordenação geral e do centro de gravidade; divide-se em estático e dinâmico;
- lateralização: dominância lateral da pessoa (relativo aos hemisférios cerebrais);
- lateralidade: eixo imaginário que divide o corpo em duas partes (direita e esquerda);
- noção espacial: orientação do mundo exterior a partir de seu próprio corpo em um ambiente, ou seja, do lugar e da orientação que pode ter em relação às pessoas e coisas, em posição estática ou em movimento;
- noção temporal: capacidade de situar-se em relação à sequência dos acontecimentos no tempo; consciência de duração de tempo, velocidade, e noção de diferentes ritmos.

Assim, se uma criança não passar por uma rica vivência de experimentação do seu corpo, ela poderá apresentar problemas quanto à construção de seu esquema corporal, temporal, espacial, coordenação motora, postura, e outros, podendo resultar num problema para a aprendizagem em geral.

Sendo assim, podemos afirmar que as crianças com traumas emocionais também têm necessidades especiais, como foi descrito até agora, na Pedagogia Uerê-Mello. E,

³² “Um dos princípios do desenvolvimento humano diz que, nas primeiras etapas da vida, é muito difícil separar as funções intelectuais e afetivas das motoras, portanto avalia-se a inteligência, nesse período, através do desenvolvimento sensório-motor.” (CORRÊA, 2005, p.132).

mais amplamente, todos nós, como seres humanos únicos que somos, provavelmente apresentamos alguma necessidade especial em algum âmbito e em algum nível.

O conhecimento sobre psicomotricidade é amplamente utilizado nos métodos de educação musical, e geral, de crianças especiais. Mas, como Viviane Louro constatou, ele também é naturalmente usado em educação musical infantil. Exemplos disso são:

- andar pela sala na pulsação da música: trabalha o tônus, o equilíbrio dinâmico e a consciência têmporo-espacial;
- exploração de sons ambientais: é a estimulação auditiva, muito importante para o desenvolvimento psicomotor;
- percussão corporal: trabalha noção espacial, esquema corporal, tônus e lateralidade;
- jogos de improvisação: estimula a criatividade e a expressão;
- imitação de movimentos com o corpo: estímulo visual, coordenação motora, esquema corporal;
- tocar um instrumento: tônus, lateralidade, orientação espacial e temporal, e esquema corporal;
- cantar: estimula o aparelho fonador, a articulação, a respiração e o esquema corporal; entre outras atividades.

Ou seja, a musicalização é psicomotricidade o tempo todo, e colabora para uma boa aprendizagem, seja ela qual for. Por isso, ressaltamos aqui a importância deste conhecimento também na formação dos professores de música, já que com isso podemos trabalhar com todo o tipo de pessoa. E os exercícios acima descritos se adequam perfeitamente à metodologia usada na pedagogia Uerê-Mello, o que significa um importante ponto em comum.

CONCLUSÃO

Dentro de um cenário (o escolar) que notoriamente torna-se cada vez mais complexo e mais dinâmico, graças a todas as mudanças velozes que estão acontecendo no mundo, em todas as suas instâncias, se faz, concomitantemente, mais e mais urgente a necessidade da manutenção constante da troca de idéias, diálogos e atualizações por parte dos professores em suas áreas de atuação, e também destes com outros setores da sociedade.

Já a escola precisa estar atenta à evolução da oferta do conhecimento e das formas como ela se dá, para conseguir manter-se como um espaço interessante e atraente entre os numerosos meios de acesso à informação, hoje existentes.

Mas o interesse principal não pode estar focado somente nos conteúdos abordados dentro da escola, pois estes podem mais e mais facilmente ser acessados fora dela. O foco de interesse maior deve estar na qualidade das inter-relações pessoais e das relações com o saber que ali acontecem. Elas é que garantirão a mais longa e produtiva permanência dos alunos no espaço escolar.

Foi com este ímpeto, o de contribuir para a melhora da atuação geral do professor de música, que realizei esta pesquisa. Através dela, vi que o esforço e o investimento na formação dos professores e em práticas educativas condizentes com a realidade concreta, tanto de todas as pessoas envolvidas na escola como da realidade dos educandos, pode trazer efeitos comprovadamente positivos. E que, imbuídos de sentimentos elevados de afeto e solidariedade, podemos fortalecer nossas atitudes e torná-las poderosas ferramentas de exemplo e transformação.

Claro que tanto Yvonne quanto tantos outros intelectuais preocupados com a problemática atual envolvendo a educação estão cientes de que somente novos modelos e práticas pedagógicas, e a boa formação e postura dos professores, não serão suficientes para sanar problemas na base da construção de um bom potencial para o aprendizado. É preciso que também existam iniciativas assertivas em outros setores, como, por exemplo: o social, com políticas de governo que garantam a segurança, o bem-estar, e o suprimento das necessidades básicas que assegurem uma boa qualidade de vida tanto de alunos como de professores, e de todo o pessoal que trabalha no ambiente escolar; o comunitário, com programas que estimulem o desenvolvimento de todo e qualquer cidadão interessado em melhorar suas condições de vida e de convivência com os demais; e o familiar, com a existência de instrumentos que aliviem o estresse das famílias envolvidas com a violência física e psicológica.

Mesmo assim, nós, como educadores, precisamos ter a convicção de que a mudança é possível. Nas palavras de Paulo Freire,

saber do futuro como problema e não como inexorabilidade (...) saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar (FREIRE, 1996, p. 76).

Sabemos que mudar não é tarefa fácil, a começar por nós mesmos, mas é necessário, porque mudar é seguir o fluxo natural da própria vida.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Eliane. Em: <http://educaneuro.blogspot.com/2010/04/o-que-e-neuropedagogia-e-qyal-se.html>. Acesso em: 31 de janeiro de 2011.
- ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. Campinas: Papirus, 2000.
- BASTIAN, Hans Günther. *Música na escola: a contribuição do ensino da música no aprendizado e no convívio social da criança*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BEZERRA, Aida. A Educação Alternativa Hoje. Em: www.forumeja.org.br. Acesso em: 15 de abril de 2011.
- CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo: Editora Gente, 2001.
- CORRÊA, Maria Ângela M. *Apostila de curso de especialização em educação especial*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Coleção Leitura, 1996.
- <http://educaneuro.blogspot.com/2010/04/o-que-e-neuropedagogia-e-qyal-se.html>. Acesso em: 31 de janeiro de 2011.
- <http://educaneuro.blogspot.com>. Acesso em: 5 de maio de 2011.
- <http://ematenas.blogspot.com/2011/05/escola-0918004-atenas-iderio-1-lugar-da.html>. Acesso em: 01 de julho de 2011.
- <http://pt.scribd.com/rioeducan>. Acesso em agosto de 2010.
- <http://royalsociety.org/royalsociety.tv>. Acesso em 10 de abril de 2011.
- <http://www.rukha.org>. Acesso em 2 junho de 2011.
- <http://www.rukha.org/files/pedagogiadovinculoafetivo.pdf>. Acesso em 2 de junho de 2011.
- <http://youtu.be/ZgKFeuzGEns>] Acesso em 10 de maio de 2011.
- JOURDAIN, Robert. *Música, cérebro e êxtase: como a música captura nossa imaginação*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- KLEBER, Magali. Projetos sociais e educação musical. In: SOUZA, Jusamara (org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- LOURO, Viviane dos Santos. *Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas*. São José dos Campos: Estúdio Dois, 2006.
- MELLO, Yvonne Bezerra de. *Aprender para viver / viver para aprender: ensino diferenciado para bloqueios cognitivos*. Pedagogia Uerê-Mello. Rio de Janeiro: Yvonne Bezerra de Mello (YBM), 2010.

MONTANÕ, Carlos. *Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente*. São Paulo: Cortez, 2005.

PENNA, Maura. *Música (s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PIAZZI, Pierluigi. *Ensinando inteligência*. São Paulo: Aleph, 2009.

SACKS, Oliver. *Alucinações musicais: relatos sobre a música e o cérebro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALTINI, Cláudio J. P. *Afetividade e Inteligência*. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2008.

SHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. São Paulo: Moderna, 2003.

www.abrasil.gov.br Acesso em 5 de novembro de 2010.

www.drauziovarella.com.br/ExibirConteudo/559/platicidadecerebral. Acesso em 20 de março de 2011.

www.forumeja.org.br.

www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-1010/2008/Lei/L11769.htm

www.projetuere.org.br

www.revistaneurociencias.com.br

Anexo 1

Questionário respondido por Cristina Deane, professora de música do Projeto Uerê.

- 1- Há quanto tempo você está no Projeto?

Desde o fim de 2002 (8 anos e meio). Durante algum tempo dei aula de música para a maioria das turmas, mas o Uerê foi crescendo e tive de restringir minhas atividades ao coral, pela carga horária.

- 2- Qual a carga horária de aulas de música por semana?

Antes eu tinha 3 encontros semanais de uma hora, depois precisei mudar para 2 e atualmente tenho 3 horários semanais com grupos diferentes, que juntos formarão o coral (de 45 minutos a 1h e 15min, de acordo com o grupo ou a necessidade dentro do planejamento), ou seja, uma vez por semana com cada grupo. É pouco, mas o projeto prioriza o conteúdo programático da escola tradicional e há outras aulas extras como oficina de artes, capoeira e informática para ocuparem os horários das turmas. Precisei me adaptar a esta realidade.

- 3- Como você divide as turmas?

Na verdade, não divido, ao contrário, o grupo vai se “afunilando” até o meio do ano, quando finalmente seleciono o elenco – que, por questões logísticas, tem número limitado de componentes. Mas em geral as turmas são separadas por faixa etária (ou grau de alfabetização).

- 4- Quais são as principais práticas musicais que você usa? Qual seria o principal foco, ou focos?

O objetivo principal é preparar um repertório para ser apresentado de maneira satisfatória em festas e eventos beneficentes ou espetáculos “como vitrine” do trabalho do projeto. Paralelamente desenvolvo noções básicas de musicalização, teoria, trabalho corporal para conscientização, relaxamento e técnica vocal, etc. Já utilizei flauta doce para ajudar na leitura de pauta (hoje tenho menos tempo). Procuro selecionar as canções com cada grupo (que muda todos os anos) respeitando suas identificações e possibilidades. Utilizo muitos jogos pedagógicos, percussão corporal, danças e brincadeiras populares, além de canções populares e vocalizes diversos como ferramentas.

- 5- Como as crianças se comportam em aula? Você vê alguma situação de *bullying*?

Nas poucas vezes que observei algum tipo de discriminação percebi também que a questão foi rapidamente resolvida na sala com as professoras efetivas, mas é raro, porque geralmente em cada turma os alunos naturalmente desenvolvem um vínculo afetivo e se interessam pelos colegas (a dinâmica do início do dia, das conversações, os ajuda a compartilhar impressões e experiências de maneira natural).

6- Quais os aspectos da pedagogia que mais te chamam a atenção?

Para mim uma das coisas mais relevantes é o próprio olhar da professora, a maneira de interpretar sinais e interagir com o aluno, a troca de opiniões com respeito mútuo, sem preconceito, e com “amor explícito”. Outro aspecto que me chama a atenção é a “alegria de aprender”, o estímulo a uma curiosidade que transforma a aquisição de conhecimentos e exercícios de treinamento em coisas divertidas e interessantes para as crianças.

7- Você adota algum dos doze momentos sugeridos na Pedagogia?

Sim, estou sempre aproveitando alguns deles na dinâmica das aulas, de acordo com o planejamento. Esses momentos foram também muito úteis em outro ambiente, quando dei aulas de teoria musical para a orquestra do Dona Marta.

8- Você consegue sentir/ver o desenvolvimento das crianças?

A cada ano que passa percebo as crianças mais focadas (facilidade de concentração) e participativas, trazendo elementos que enriquecem o trabalho na sala, sugerindo temas ou repertórios pertinentes e com maior consciência de seu papel no grupo em que estão inseridos.

9- Você consegue perceber alguma reação derivada dos traumas emocionais das crianças?

Só em alguns casos, porque atualmente tenho pouco tempo de contato com elas, muitas vezes é a própria professora que encaminha alguma observação particular (o que também comprova a diferença desse método, que deixa as crianças, a despeito de problemas que possam estar enfrentando, seguras e integradas aos seus grupos).

10- Como você compararia as crianças que passam pela Pedagogia Uerê-Mello com as que não passam? Qual foi a sua experiência em outros lugares?

Minha história nas escolas regulares é bastante limitada, porque trabalhei algum tempo com educação infantil (crianças com até 4 ou 5 anos de idade) e depois fiquei apenas 6 meses com 1º, 2º e 3º anos. Trabalhei também em outros projetos sociais, regendo seus corais infanto-juvenis, mesma função que exerço no Uerê. Em ambos os casos percebe-se bem essa diferença, mas na minha experiência com o próprio Projeto ao longo dos anos, observando suas transformações na medida em que o método ia sendo implantado/desenvolvido é que se fundamenta a certeza de sua eficácia: a postura das crianças é de maior compromisso e envolvimento com as atividades, e têm hoje maior desenvoltura e muito mais capacidade de se expressar e de ouvir e compreender.

- 11- Como você acha que o ensino da música contribui para o sucesso da Pedagogia Uerê-Mello e para o desenvolvimento intergral das crianças?

Do mesmo modo que ajuda em outros processos pedagógicos: aguça a percepção e a capacidade de concentração, desenvolve a coordenação motora, o raciocínio lógico e matemático, noções espaciais e temporais, estimula o auto-conhecimento e a interação social, trabalha a disciplina de maneira lúdica, etc.

Anexo 2

Questionário respondido por Cristiane Pinto Norris, coordenadora da
Escola Municipal Atenas.

- 1- Qual o nome completo da escola e com quais segmentos ela trabalha? Desde o pré-escolar?

Escola Municipal 09.18.004 Atenas. Educação infantil, primeiras séries de Ensino Fundamental (1° ao 5° ano) e Classe Especial.

- 2- Como e quando a escola ficou sabendo da existência da Pedagogia Uerê-Mello?

Através de capacitação dada pela Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro, em 2009.

- 3- Há quantos professores e quantos alunos na escola?

36 professores e 752 alunos.

- 4- Alguém da escola chegou a visitar o Projeto Uerê?

Não houve visita ao Projeto.

- 5- Como foi o processo de implantação da Pedagogia?

Houve capacitação dada pela professora Yvonne Bezerra de Mello na própria escola.

- 6- Desde quando a escola efetivamente faz uso da Pedagogia?

Desde o segundo semestre do ano de 2010.

- 7- Todos os professores seguem a Pedagogia?

Sim, todos seguem a Pedagogia.

- 8- Qual a média de alunos por sala de aula?

A média é de cerca de 35 alunos no Ensino Fundamental e 28 na Educação Infantil. A Classe Especial possui 10 alunos.

- 9- Quais os efeitos sentidos pela escola depois do início do uso da Pedagogia Uerê-Mello?

Aumento da autoestima dos alunos, melhor desenvolvimento cognitivo dos mesmos, maior segurança nos professores, tudo isso retratado e confirmado

no resultado do IDERIO (Índice de Desenvolvimento de Ensino da cidade, apurado principalmente através de prova aplicada pelo CespeUnB). A escola ficou em primeiro lugar na 9ª Coordenadoria Regional de Educação. Melhor colocada com maior nota. E foi a 5ª colocada em toda Rede Municipal de Ensino.

10- Qual a resposta dos alunos em relação à Pedagogia?

Eles demonstram grande satisfação por agora conseguir aprender e têm certeza que isso acontece graças à pedagogia, pois tudo que é feito, antes é explicado às turmas.

11- Há aulas de música na escola, ou alguma atividade extra curricular?

Não existe professor de música na Unidade Escolar, mas todas as turmas trabalham frequentemente com músicas. A escola tem aulas de Educação Física e neste ano começaram com aulas de Inglês.

12- A escola é de turno integral, ou turnos de manhã e tarde separados?

A escola funciona em dois turnos: manhã e tarde.